



INSTITUTO  
UNIVERSITÁRIO  
DE LISBOA

---

## **A Cobertura Jornalística do Futebol Feminino em Portugal**

Mariana Sofia Reis Cardoso

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientador:  
Doutor Jorge Vieira, Professor Auxiliar  
ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Junho, 2025



SOCIOLOGIA  
E POLÍTICAS PÚBLICAS

---

Departamento de Sociologia

## **A Cobertura Jornalística do Futebol Feminino em Portugal**

Mariana Sofia Reis Cardoso

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientador:

Doutor Jorge Vieira, Professor Auxiliar  
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Junho, 2025





## **Agradecimentos**

A realização desta dissertação representou mais uma etapa na minha vida acadêmica, marcada pela exigência, pelos imensos desafios, aprendizagens e crescimento pessoal. É, por isso, com enorme gratidão que reconheço todos os que me acompanharam ao longo deste processo.

Em primeiro lugar, agradeço ao Professor Doutor Jorge Vieira pela sua orientação, a constante disponibilidade, pela ajuda, pelo apoio que me deu, e pelas dicas que foram fundamentais para a concretização desta dissertação.

À minha família pelo carinho e apoio constante.

Aos meus pais que sempre demonstraram todo o seu apoio e fizeram tudo para que eu concretizasse todos os meus objetivos. Por estarem lá sempre para mim, pelos conselhos e por toda a força que me deram e continuam a dar.

À minha irmã, por toda a paciência, pelo apoio incondicional, por me motivar e encorajar constantemente. Por estar sempre presente.

Às minhas melhores amigas, Beatriz Santos e Beatriz Roxo, que fizeram parte de todo este percurso, pela vossa amizade e por todo o apoio que me deram durante todos estes anos de amizade.

À Inês, a amiga que a universidade me deu, desde a licenciatura até ao mestrado, pelos momentos que passámos juntas, pelas palavras de encorajamento e incentivo.

Por fim, ao meu melhor amigo de quatro patas, o Sushi, pela sua presença constante (possivelmente quem mais esteve presente fisicamente na escrita desta dissertação), pelas pausas para passeios e pela alegria que trouxe aos meus dias.



## Resumo

A presente dissertação propõe uma análise crítica da cobertura jornalística do futebol feminino em Portugal, com foco na análise das capas dos jornais desportivos *A Bola* e *Record*, durante a época desportiva de 2023/2024. A investigação parte do reconhecimento de que, apesar dos avanços na participação e no desempenho das mulheres no desporto, a sua visibilidade mediática continua a ser limitada e marcada por assimetrias de género. Através de uma metodologia mista, que articula análise de conteúdo quantitativa e qualitativa, procurou-se identificar padrões de representação, posicionamento editorial e construção simbólica do futebol feminino na imprensa desportiva portuguesa.

A análise revelou que a presença do futebol feminino nos jornais desportivos analisados é ainda reduzida e frequentemente remetida a posições secundárias, bem como a formatos narrativos breves, o que reflete práticas editoriais que mantêm a centralidade do futebol masculino como principal foco de atenção noticiosa. Embora se observe, em alguns casos, um tom positivo na abordagem ao futebol feminino, essa valorização não se traduz num protagonismo real ou num reconhecimento editorial sustentado.

Este estudo contribui, assim, para o debate em torno da igualdade de género no desporto e no jornalismo, evidenciando a importância de transformar as práticas editoriais e comunicacionais que moldam o modo como o futebol feminino é percecionado e legitimado socialmente.

**Palavras-chave:** futebol feminino, futebol masculino, jornalismo desportivo, *media*, género, desporto



## Abstract

This dissertation offers a critical analysis of the media coverage of women's football in Portugal, focusing on the front pages of the sports newspapers *A Bola* and *Record* during the 2023/2024 football season. The research stems from the recognition that, despite progress in women's participation and performance in sports, their media visibility remains limited and marked by gender asymmetries. Using a mixed-methods approach, combining both quantitative and qualitative content analysis, the study seeks to identify patterns of representation, editorial positioning, and the symbolic construction of women's football in Portuguese sports journalism.

The analysis revealed that the presence of women's football in the sports newspapers under review remains limited and is often relegated to secondary positions and brief narrative formats. This reflects editorial practices that continue to prioritize men's football as the main focus of news attention. Although a positive tone towards women's football is occasionally observed, such appreciation does not translate into real protagonism or sustained editorial recognition.

This study thus contributes to the broader debate on gender equality in sport and journalism, highlighting the need to transform editorial and communicational practices that shape the way women's football is perceived and socially legitimized.

**Keywords:** women's football, men's football, sports journalism, media, gender, sport



## Índice

Agradecimentos.....	iii
Resumo .....	v
Abstract .....	vii
Introdução .....	1
Capítulo 1. Revisão da Literatura .....	5
1.1. Desporto e Futebol .....	5
1.2. A Questão do Género no Desporto .....	6
1.3. A História do Futebol Feminino .....	7
1.4. A História do Futebol Feminino em Portugal .....	10
1.5. A Relação entre <i>Media</i> e Desporto .....	11
1.6. A Cobertura Jornalística do Futebol Feminino .....	13
1.7. A Imprensa Desportiva em Portugal: <i>A Bola e Record</i> .....	16
Capítulo 2. Metodologia .....	19
2.1. O Método .....	19
2.2. Plano de Investigação e Recolha de Dados .....	21
2.3. Indicadores de Análise .....	23
Capítulo 3. Análise e Discussão de Resultados .....	25
3.1. Espaço e Relevância: A Presença do Futebol Feminino nas Capas.....	25
3.2. Posição nas Capas: O Lugar do Futebol Feminino nas Capas .....	26
3.3. Tom, Estrutura e Enquadramento das Capas.....	28
3.4. A valorização visual do futebol feminino na imprensa desportiva.....	33
3.5. Discussão Geral dos Resultados.....	35
Capítulo 5. Conclusões .....	37
Referências Bibliográficas .....	41
Anexos.....	45



## **Introdução**

O futebol é amplamente considerado como um dos desportos mais importantes e reconhecidos em Portugal, sendo muitas vezes denominado como o “desporto rei”. Neste sentido, o futebol desempenha um papel crucial como fonte de entretenimento, na construção de identidades e no fortalecimento de laços sociais (Coelho, 2004).

Historicamente vinculado a uma cultura maioritariamente masculina, o futebol tem sido marcado pelo predomínio dos homens, tornando a inserção das mulheres nesse meio bastante desafiadora. Contudo, nos últimos anos, o futebol feminino tem registado um crescimento significativo, e este crescimento é visível na sua popularidade, mediatização, visibilidade e no investimento feito pelos clubes e pelas federações.

Em Portugal o futebol feminino tem ganho cada vez mais importância, sendo que o novo formato de competição, que surgiu após a resposta dos principais clubes portugueses ao desafio proposto pela Federação Portuguesa de Futebol (FPF), resultou na formação de diversas equipas de futebol feminino. A criação destas equipas foi fundamental para o desenvolvimento rápido e crescente do futebol feminino, caracterizado essencialmente pela profissionalização, ou semiprofissionalização, de diversas atletas, bem como pela maior mediatização do desporto praticado por mulheres (Gouveia et al., 2021). Assim, tendo em conta o investimento feito pela FPF e pelos clubes, bem como pela maior abordagem da comunicação social relativamente a esta temática, é evidente o crescimento da assistência nos jogos de futebol feminino, com o último recorde de público em Portugal a ser alcançado no jogo de apresentação entre o FC Porto e a União de Leiria, no dia 1 de setembro de 2024, com um total de 31.093 adeptos nas bancadas do Estádio do Dragão. No que respeita à seleção feminina, o maior número de espectadores foi registado no jogo entre Portugal e a Chéquia, no Estádio do Dragão, no dia 29 de novembro de 2024, com um total de 40.189 espectadores.

A mediatização apresenta um papel fundamental no desporto, mais precisamente no futebol, tanto nos meios de comunicação tradicionais quanto nos contemporâneos, a sua presença é crucial. Apesar da relevância atribuída ao futebol feminino nos últimos tempos, quer por parte da sociedade, como no aumento de espetadores nos estádios de futebol, quer por parte da comunicação social, sendo este ponto visível na abordagem gradual de notícias sobre o futebol feminino, a visibilidade e atenção dada ao mesmo ainda é limitada e por vezes desperta pouco interesse por parte da imprensa, sendo que a atenção jornalística dedicada ao futebol

feminino ainda não se consegue equiparar à cobertura jornalística dada ao futebol masculino (Gouveia et al., 2021). Esta diferença na cobertura é evidente nos meios de comunicação, essencialmente nos jornais desportivos, onde a relevância atribuída ao futebol feminino é bastante questionável, apesar dos grandes avanços que se têm verificado na globalidade do desporto praticado por mulheres.

Posto isto, na presente dissertação pretende-se compreender a relevância e valorização que o jornalismo desportivo dá ao futebol feminino em Portugal. Sendo assim, o objetivo central passou por analisar a cobertura jornalística dos jornais desportivos *A Bola* e *Record*, tendo em conta a análise das capas dos jornais impressos durante a época 2023/2024, e assim compreender a valorização e inclusão do futebol feminino, através da análise das narrativas empregues e das representações das atletas.

Assim, através desta metodologia, pretendeu-se responder aos seguintes objetivos de pesquisa:

- Análise quantitativa e qualitativa da cobertura jornalística de futebol feminino em Portugal, de modo a identificar potenciais padrões de representação e visibilidade;
- Problematização da contribuição das representações nas capas dos jornais na valorização do futebol feminino, ou se, pelo contrário, estas podem perpetuar estereótipos e desigualdades de género.

Tendo em conta a problemática abordada, o presente trabalho irá debruçar-se sobre a seguinte questão de partida que ditará o início da investigação: Face ao presente processo de inclusão do futebol feminino em Portugal, como é que este foi retratado pelos jornais desportivos impressos: *A Bola* e *Record* na época 2023/2024? Como pergunta subsidiária: de que maneira essas representações e narrativas empregues refletem a valorização e inclusão do futebol feminino?

Esta questão de pesquisa é de grande interesse e relevância para o estudo da problemática em análise, pois possibilita entender melhor a mediatização do futebol feminino em Portugal, identificar os desafios e oportunidades para a sua valorização, bem como contribuir para uma compreensão mais ampla de um cenário desportivo equitativo. Deste modo, a importância desta questão está na sua capacidade de investigar como o jornalismo desportivo português retrata o futebol feminino, com foco específico na análise dos jornais *A Bola* e *Record*.

A motivação para a elaboração desta dissertação prende-se na importância de explorar esta temática. Em primeiro lugar, é fundamental entender como o futebol feminino é representado nos jornais desportivos portugueses, e como este está a ser progressivamente integrado e

valorizado no cenário desportivo nacional. Ademais, é essencial refletir sobre a persistência de estereótipos ou preconceitos de género no desporto, tendo como objetivo pensar na importância de uma mudança para alcançar a igualdade de género. Para além disso, é importante refletir sobre a valorização atribuída ao futebol feminino, ao analisar as narrativas utilizadas pelos jornais desportivos, bem como a sua cobertura mediática, tendo como objetivo verificar se o crescimento deste desporto está a ser acompanhado por um aumento proporcional no seu reconhecimento mediático institucional.

Esta dissertação está desenvolvida em três grandes capítulos. O primeiro diz respeito à revisão de literatura, onde será abordada a história do futebol feminino e a história do futebol feminino em Portugal, bem como uma abordagem relativa à cobertura jornalística do futebol feminino, onde também irá existir uma contextualização de diversos conceitos fundamentais para a abordagem da presente temática. No segundo capítulo, são descritas as estratégias metodológicas utilizadas nesta dissertação, nomeadamente a recolha de informação e os diversos passos da análise, como é que esta foi feita e como foi baseada, sendo que também serão fundamentadas as escolhas relacionadas com o período temporal a analisar e os jornais. Por fim, no último capítulo serão analisados e discutidos os resultados obtidos com a presente investigação.



## Revisão da Literatura

### 1.1. Desporto e Futebol

O desporto, desde a sua origem, é reconhecido como um acontecimento influente na sociedade, uma vez que exerce, em todo o mundo, um papel social primordial, ao ser um meio essencial das expressões socioculturais, sendo este caracterizado como “uma produção cultural de um tempo, de uma agora ou de uma formação social específica” (Alegrias, 2017, p. 135). A prática do desporto demonstra a identidade e os padrões culturais de uma determinada sociedade, bem como as particularidades sociais, culturais e políticas dos indivíduos. Segundo Elias & Dunning (1992), o desporto “é um enclave social quer para os espectadores quer para os jogadores, onde a excitação agradável pode ser produzida sob uma forma que é socialmente limitada e controlada” (p.323). Deste modo, é evidente a importância que o desporto detém nas sociedades e na exibição e reprodução das mesmas.

No entanto, definir o conceito de desporto é um desafio, uma vez que é necessário “delimitar as práticas que são consideradas desportivas” (Marivoet, 2002, p.23). Isso exige uma compreensão do que se entende por desporto e quais as atividades que atualmente são consideradas desportivas. O futebol, como uma prática que evoluiu ao longo dos tempos, reflete bem essa complexidade, sendo uma prática em constante mutação. Neste contexto, o futebol tornou-se o “desporto rei” nos últimos 150 anos, caracterizado pelo seu processo de globalização, pelo estabelecimento de relações sociais e por ser um objeto de paixão (Nolasco, 2004). Este desporto mobiliza pessoas de todas as classes sociais, pertenças étnicas, idades ou géneros, estando profundamente enraizado em vários aspetos da vida em sociedade. O futebol possui a capacidade de unir indivíduos e fomentar uma identidade coletiva e cultural, sendo que na sociedade contemporânea o futebol ocupa um papel central na vida das pessoas, ao exercer uma influência significativa.

Segundo Coelho (2004),

*Como em muitos países do planeta, o futebol é o desporto nacional em Portugal, constituindo também a sua principal indústria cultural. O futebol, com a sua popularidade e centralidade social, tem vindo a construir ao longo de décadas um autêntico património cultural que diz muito acerca da sociedade portuguesa. Desporto nacional, obsessão partilhada, “facto social total”, o futebol é um dos mais usuais tópicos de conversa e discussão, tema fundamental dos media (três jornais diários vendendo acima dos 250 000 exemplares por dia), possuindo uma importância simbólica enorme na cultura dos*

*portugueses. É por isso óbvio que muito se pode aprender sobre Portugal a partir da análise de como se joga, organiza, vive e sente o futebol (p.23).*

Para muitos indivíduos o futebol transcende a simples prática desportiva, sendo visto como um estilo de vida, demonstrando a paixão que as pessoas sentem por esta prática desportiva (Benites, Barbieri e Neto, 2007). O futebol reflete os valores socioculturais, económicos e políticos de uma sociedade, bem como desempenha um papel crucial na construção da identidade e cultura de várias nações, mobilizando multidões em todo o mundo. Como fenómeno social, o futebol permite compreender melhor a sociedade e as várias esferas que a compõem, o futebol é “uma configuração social que assume a forma de um sistema, onde indivíduos com diferentes níveis de participação e poder, diferentes práticas desportivas, valores e níveis de organização interagem” (Marivoet, 2002, p.15).

Assim sendo, o futebol é um dos fenómenos sociais, culturais e económicos mais influentes e importantes da contemporaneidade, enquanto produto social e cultural é a modalidade desportiva mais importante na maioria dos países.

## **1.2. A Questão de Género no Desporto**

O conceito de género é frequentemente definido como uma construção social que se diferencia do conceito biológico de sexo. Deste modo, para compreender o conceito de género é necessário ultrapassar a visão puramente biológica e analisar as normas culturais e sociais que moldam a identidade de um indivíduo. Segundo Buttler (1990), o conceito de género é definido como uma encenação social de expectativas de género, onde os indivíduos incorporam normas e padrões associados ao masculino e ao feminino. Assim sendo, o género é uma construção que define os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres, nas relações sociais, fundamentando diferenças hierárquicas que reforçam dinâmicas de poder (Matos, 1997). Segundo Scott (1995), o género é “um elemento constitutivo das relações sociais, baseado nas diferenças percebidas entre os sexos e uma forma primária de dar significado às relações de poder” (p.86). Assim, é possível afirmar que as diferenças de género são construídas socialmente, tal como as desigualdades de género, que são socialmente estabelecidas e moldadas tendo por base fatores históricos e culturais (Matos, 1997).

No que respeita ao presente tema é fundamental referir que Portugal ocupa o 15º lugar no Gender Equality Index 2023 do European Institute for Gender Equality (EIGE), com uma pontuação de 67,4 em 100, ou seja, 4,6 pontos acima da pontuação de 2020. Embora continue abaixo da média da União Europeia em 2,8 pontos, o país tem registado progressos

significativos ao longo da última década, sendo que desde 2010, a pontuação nacional aumentou 13,7 pontos. Estes resultados revelam uma trajetória positiva e sustentada, integrando Portugal no grupo de países que têm reduzido de forma mais rápida a disparidade face aos padrões de igualdade de género na Europa.

Desde a sua origem, o desporto foi marcado pela sua associação ao conceito de género, com uma clara distinção entre modalidades femininas e modalidades masculinas. Assim, tanto no contexto desportivo, como no contexto social, as relações de género foram sempre definidas e atribuídas de forma desigual, ou seja, enquanto as mulheres eram caracterizadas tendo em conta um ideal de estética e fragilidade, aos homens eram associadas características como a força e a masculinidade. Estas características, historicamente perpetuadas na sociedade, tiveram como consequência o estabelecimento de padrões sociais que são repetidamente reproduzidos e fortalecidos.

Segundo Silva, Botelho-Gomes e Queirós (2017),  
*O desporto é um mundo não só sexuado, mas também “genderizado”. Sexuado, porque é constituído por pessoas de ambos os sexos que praticam desporto; “genderizado” uma vez que é também nesse mundo que se constroem e se expressam identidades, masculinas e femininas. E no desporto, como em outras dimensões culturais, o masculino e o feminino assumem valores distintos. (p. 54).*

Estabelecer a relação entre mulheres e desporto ainda é um paradoxo, pois o cenário desportivo foi estruturado e desenvolvido sob uma perspetiva predominantemente masculina. Apesar de as mulheres terem conquistado o direito de participar em diversas modalidades desportivas, como é o caso do futebol, e ainda que possa parecer que homens e mulheres possuem igualdade neste desporto, este é um facto ilusório, pois continuam a existir desigualdades significativas, como é o caso dos apoios financeiros, os salários e o reconhecimento. Assim sendo, apesar de as atletas terem conseguido entrar neste universo maioritariamente masculino, as mulheres ainda não conseguiram alcançar a mesma visibilidade e prestígio, sendo que este ponto reflete um dos desafios na questão de género.

### **1.3 A História do Futebol Feminino**

Embora tenha origens que remontam ao século II A.C., foi a partir do século XIX que o futebol começou a expandir-se para outros países e a ganhar popularidade como um fenómeno de massas, especialmente no continente europeu. O futebol moderno, tal como o conhecemos atualmente, surgiu em Inglaterra durante o século XIX, quando o desporto foi formalizado com

a criação do Sheffield Football Club e, mais tarde com a fundação The Football Association no ano de 1863. O futebol rapidamente teve a sua ascensão e pode ser considerado atualmente como o desporto mais influente no mundo ocidental. O desenvolvimento progressivo do futebol entre a década de 1870 e 1890, determinou a profissionalização de diversos atletas e técnicos, ao estabelecer o seu status de futebol profissional em 1885 (Ferreira, 2004). Com a sua ampla popularidade, o futebol atravessou fronteiras culturais, sendo tradicionalmente associado a uma presença essencialmente masculina.

Em contraste com a história hegemónica e crescente do futebol praticado por homens, a trajetória do futebol feminino revela um cenário completamente distinto, marcado por um desenvolvimento mais recente e por uma diversidade de desafios e restrições que foram impostas por parte de organizações desportivas (Pfister, 2009). Apesar do futebol masculino ter dado os seus primeiros passos em 1863, os primeiros aparecimentos do futebol feminino surgiram apenas três décadas após, em 1895, com a disputa do primeiro jogo oficial de futebol praticado por mulheres. Esta ação teve como líder Nettie Honeyball, a primeira mulher a criar um clube de futebol, denominado British Ladies Football Club. Segundo a FIFA (2020), foram disputados jogos de futebol por mulheres desde 1881, no entanto estes nunca foram considerados oficiais, sendo que Honeyball foi assim denominada como a pioneira da modalidade. Desde então, o futebol feminino enfrentou muitas barreiras sociais e culturais, sendo visto, muitas vezes, e por muito tempo, como um desporto inadequado para mulheres.

Durante a Primeira Guerra Mundial, muitas mulheres assumiram papéis que inicialmente eram considerados como papéis tradicionalmente praticados por homens, tal como a prática do futebol. Durante este período, as mulheres que praticavam futebol foram alvo de múltiplas críticas, sendo frequentemente acusadas de trair os valores femininos, uma vez que o futebol era associado a um desporto que exaltava características masculinas. Contudo, esse debate contribuiu para a visibilidade e popularização do futebol feminino, bem como para a abertura da sociedade para com diversos temas de debate, como é o caso dos estereótipos de género no desporto relacionados com a força física, velocidade ou resistência (Gouveia et al., 2021).

Os primeiros avanços significativos do futebol feminino ocorreram na década de 1960 com diversos movimentos feministas que visavam a sua aceitação social. Volvida uma década, em 1971, a Associação Inglesa de Futebol revogou a proibição da prática de futebol por parte das mulheres, o que marcou um momento crucial para o desenvolvimento organizado do desporto feminino. O desenvolvimento do futebol feminino continuou a enfrentar desafios significativos ao longo do século XX, mas começou a ganhar mais visibilidade e aceitação, particularmente com o apoio de grandes eventos. Em 1991, a FIFA organizou o primeiro Mundial de Futebol

Feminino, sendo que a terceira edição do torneio, realizada nos Estados Unidos da América em 1999, contribuiu para um ponto de mudança no futebol feminino. Com a participação de 16 seleções e uma média de 90 mil espetadores por jogo, o evento demonstrou o crescimento do futebol feminino, tal como a sua importância crescente (Gouveia et al., 2021). Nos Estados Unidos, o futebol feminino alcançou uma popularidade crescente, sendo que esse sucesso foi frequentemente atribuído ao apoio estrutural e financeiro que o desporto recebeu, traduzindo-se em melhores condições do treino das jogadoras e numa melhor performance das equipas em competição (Balardin et al., 2018).

O grande passo do futebol feminino foi dado no ano de 2019 com a vitória da seleção norte-americana, vitória esta que revelou a importância da abordagem de diversos tópicos de assunto por parte da sociedade, como é o caso da igualdade salarial, a maior cobertura mediática, bem como as diversas atitudes sexistas e misóginas que surgem por parte dos meios de comunicação social (Bell & Coche, 2020).

Atualmente, a FIFA desempenha um papel fundamental na promoção do futebol feminino, ao oferecer um investimento multifacetado, bem como diversos programas de desenvolvimento que têm sido cruciais para o crescimento do desporto, como a campanha “Live Your Goals”, no sentido de “encorajar raparigas e mulheres jovens a jogar futebol e inspirar, nutrir e consolidar um entusiasmo pelo jogo das mulheres” (FIFA.com, 2013, em Gouveia et al., 2021).

O futebol feminino alcançou uma presença global, sendo reconhecido tanto pela qualidade técnica das atletas, quanto pelo aumento expressivo do público. A nona edição do Mundial de Futebol Feminino, realizada em 2023, na Austrália e na Nova Zelândia, onde a seleção espanhola saiu vencedora, é um exemplo do crescimento do futebol feminino, uma vez que contou com uma média de 26 mil espetadores por jogo e com mais de 1,7 milhões de bilhetes vendidos.

Neste sentido, o crescimento contínuo das ligas de futebol feminino, das suas jogadoras e das equipas por todo o globo, demonstra a importância do desenvolvimento do futebol feminino, consolidando o seu reconhecimento e a sua importância no panorama global, comprovando o seu impacto social ao impor uma mudança gradual nas perceções sociais e culturais sobre o papel das mulheres no desporto.

## **1.4. A História do Futebol Feminino em Portugal**

O futebol feminino em Portugal, tal como o conhecemos hoje, representa uma trajetória longa e repleta de desafios. No passado, a modalidade era conhecida pela sua pouca atenção mediática e limitava-se apenas a uma pequena competição, denominada Taça Nacional de Futebol Feminino, uma competição que, de certa forma, se enquadra com o antigo Campeonato de Portugal disputado no futebol masculino. No ano de 1993, foi possível analisar uma reviravolta no panorama do futebol feminino em Portugal, com a criação do Campeonato Nacional Feminino, campeonato este que contava apenas com dez equipas.

Volvidos 23 anos, na época 2016/2017, após uma trajetória marcada por pouco investimento e visibilidade, foi formalizada a competição como a conhecemos atualmente, com a criação de um novo formato de campeonato composto por catorze equipas, num modelo de pontos corridos. Esta mudança foi possível graças a diversos clubes da liga portuguesa, como o Sporting CP, o SL Benfica, Os Belenenses ou o Estoril-Praia, que responderam ao desafio lançado pela Federação Portuguesa de Futebol e formaram equipas femininas. Esse esforço foi decisivo para acelerar o desenvolvimento da modalidade, que outrora ficara marcada pela falta de investimento, pelo apoio limitado e pela escassez de recursos, que retardou o seu progresso em comparação com outros países europeus. Neste sentido, o esforço desenvolvido pelos clubes e pela FPF teve resultados fenomenais, como o maior profissionalismo das atletas, mais visibilidade mediática, contratações de destaque e resultados mais expressivos (Gouveia et al., 2021).

Nos últimos anos o futebol feminino em Portugal tem conquistado cada vez mais espaço e reconhecimento. Segundo dados da Federação Portuguesa de Futebol o número de atletas federadas em futebol e futsal tem demonstrado um aumento exponencial. Em 2014, o número de mulheres que jogavam futebol ou futsal representavam um total de 6 mil jogadoras, sendo que no ano de 2024 foram registadas um total de 18.160 raparigas e mulheres federadas, determinando um aumento de 19,6% face ao ano anterior. Estes dados são essenciais, uma vez que refletem o crescente interesse e valorização da modalidade. Para além disso, outro indicador do avanço do futebol feminino em Portugal é determinado através do aumento do público nos jogos, sendo que foram alguns os jogos que demonstraram este aspeto. No dia 26 de março de 2023, foi alcançado um marco histórico no dérbi lisboeta, para a Liga BPI, que contou com um total de 27.221 espetadores no Estádio da Luz. Ademais, no dia 19 de maio de 2024, a final da Taça de Portugal feminina, disputada entre o SL Benfica e o Racing Power no Estádio Nacional do Jamor, contou com cerca de 19 mil adeptos. Para além disso, no dia 1 de setembro de 2024,

no jogo de apresentação da equipa feminina do FC Porto, foi atingindo o recorde de assistência num jogo de futebol feminino em Portugal, onde mais de 30 mil adeptos assistiram ao jogo no Estádio do Dragão.

Assim, o futebol feminino em Portugal, especialmente com a consolidação do Campeonato Nacional, determinou uma transformação notável no cenário desportivo nacional. Esta evolução abriu portas para a profissionalização, ou semiprofissionalização, de diversas atletas, bem como incentivou o debate sobre a importância do futebol feminino na sociedade, ao questionar a tradicional dominância masculina no desporto, abordando de igual modo os estereótipos de género presentes no desporto, mais precisamente no futebol. Deste modo, o presente processo de evolução e inclusão do futebol feminino desempenha um papel primordial ao inspirar e nutrir o sonho de muitas meninas que aspiram seguir uma carreira como futebolistas.

### **1.5. A Relação entre *Media* e Desporto**

O futebol, para além de ser uma prática desportiva, é também um fenómeno social com ampla atração do público, estando inserido num mercado mediático que permite a sua difusão para um conjunto alargado da sociedade. Por outro lado, os meios de comunicação, possuem um peso significativo na sociedade, sendo uma parte fundamental do quotidiano dos indivíduos (Silverstone, 2002, p.12), sendo um exemplo disso os jornais mais específicos, como os jornais desportivos. A relação entre os *media* e o futebol é marcada por uma interconexão inquebrável, complexa e interdependente, sendo caracterizada pela sua associação de longa data, uma vez que o futebol desempenha um papel crucial nos *media* (Gouveia, 2018). Simultaneamente, os *media* aumentam a exposição do futebol, elevando os jogadores ao *status* de celebridades, enquanto transformam alguns clubes em marcas globais, influenciando tanto a perceção pública quanto a cultura desportiva. Esta relação demonstra como o futebol não é apenas um produto mediático, mas também um impulsionador da indústria mediática. No que tange à cultura mediática, esta fundamenta-se pela “materialização da informação nas notícias, na opinião massmediática e informação e opinião presente nos espaços da mediação da web, redes e media sociais. As culturas mediáticas são, assim, culturas produtoras de agendamento social.” (Cardoso, 2023, p. 276).

Ademais, uma vez que a comunicação em rede se caracteriza pelo seu carácter de produção e fluxo de informação (Cardoso, Espanha & Araújo, 2009), o futebol acompanhou este modo de produção e intensificação de informações, determinando um “sistema desportivo global

interdependente” (Gouveia, 2018, pp. 25). Esta junção entre tecnologia e futebol teve lugar na sociedade em rede, caracterizada pela riqueza, conhecimento, poder, comunicação e tecnologia que está presente no mundo, onde se conjuga a identidade e a autonomia, ou seja, o meio de formação de significados e experiências tendo em conta o meio cultural dos indivíduos, (Cardoso et al., 2006, pp.126). Sendo assim, a sociedade em rede “só se pode desenvolver a partir de um novo sistema tecnológico, o das tecnologias de informação e de comunicação de base microeletrónica e comunicação digitalizada (Mitchell, 2003). Não foi a tecnologia que determinou o nascimento e o desenvolvimento da sociedade em rede, mas sem este tipo de tecnologias aquela não teria existido.” (Cardoso et al, 2006, pp. 20).

O jornalismo desportivo, por sua vez, é um canal de disseminação de informações sobre múltiplas modalidades desportivas, acompanhado por um vasto público, uma vez que o desporto tem um papel central na sociedade. A imprensa desportiva surgiu devido a uma necessidade em divulgar informações relativas ao desporto, sendo que o meio escolhido para a sua divulgação foi a imprensa (Miller et al., 2001). Deste modo, por vários países da Europa começaram a surgir revistas e periódicos direcionados para diversas modalidades desportivas (Pinheiro, 2011). Em Portugal, começaram a circular periódicos especializados em determinadas modalidades por volta da década de 1870, com a particularidade de cada um dos periódicos abordar apenas uma modalidade específica. O panorama era essencialmente marcado por artigos que cobriam modalidades como a ginástica, a caça e o ciclismo (Pinheiro, 2011). A primeira revista que deu o primeiro passo para a expansão do seu conteúdo, de modo a abordar um conjunto vasto de modalidades desportivas foi a revista “O Velocipedista”, que para além de abordar notícias relativas ao ciclismo, adaptou-se ao interesse emergente da sociedade portuguesa no desporto (Pinheiro, 2011). O primeiro jornal desportivo português foi “O Sport”, lançado a 22 de janeiro de 1894, que para além de destacar notícias sobre equitação, ginástica ou caça, empreendia uma abordagem multifacetada ao escrever notícias sobre desportos mais recentes como o futebol (Pinheiro, 2011). Deste modo, é possível compreender a evolução da imprensa desportiva portuguesa que passou por um processo de transformação ao longo do tempo, inicialmente marcado por periódicos que abordavam desportos mais arcaicos, para a criação de jornais especializados no desporto em geral, tornando-se uma parte indispensável da sociedade.

Assim, a imprensa desportiva faz parte de um mercado mediático que abarca um grande setor dos meios de comunicação, ao divulgar informações sobre diversas áreas do desporto, no entanto, o seu maior foco é o futebol. Neste sentido, sendo o futebol um desporto que atrai uma grande parte da sociedade, tendo diversas implicações sociais e económicas, este é associado a

“um complexo mercado mediático, que assegura a sua difusão e serve de veículo na reprodução destes valores de prática” (Marivoet, 2002, p.18).

Em suma, o desporto tem um grande destaque na imprensa, tendo uma constante presença nos *media*, deste modo, é possível afirmar que “não haverá dúvidas que a ligação da maior parte das pessoas ao futebol se faz através dos *media*” (Coelho, 2001, p.42). Assim, é possível compreender que o desporto e os meios de comunicação evoluíram em paralelo, ou seja, “trocando entre si os recursos necessários para o desenvolvimento de cada um destes” (Miller et al, 2001, p.62).

## **1.6. A Cobertura Jornalística do Futebol Feminino**

O desporto consolidou-se como um dos maiores fenómenos sociais e culturais, sendo essencial na construção de identidades e na transmissão de normas e padrões culturais (Borelli, 2001, p.10). A sua influência e presença constante nos *media* reforçam a relação simbiótica entre essas duas esferas. Deste modo, o futebol reflete as relações de poder que influenciam o quotidiano da sociedade, como é o caso da esfera social e cultural, moldando a forma como o desporto é percebido, enquanto este alimenta a audiência e o conteúdo mediático.

O futebol destaca-se como o desporto-rei, em grande parte do mundo, incluindo Portugal, onde é seguido por milhões de adeptos, homens e mulheres. No entanto, é notável que os *media* dão maior visibilidade ao futebol masculino, relegando o futebol feminino para um segundo plano. Este tipo de discriminação de género tem sido uma constante nos *media*, que tendem a destacar o futebol masculino como mais emocionante e valioso (Eastman & Billings, 2001). Apesar do crescente número de mulheres que praticam desporto, especialmente futebol, o jornalismo desportivo tende a focar-se predominantemente nos homens. Pfister (2015) aponta que o desporto masculino recebe mais atenção mediática porque “o desporto praticado por homens tem muito mais interesse, pois é produzido por homens, para homens e sobre homens” (pp.639). Em consequência, as modalidades femininas são abordadas de forma menos envolvente, o que evidencia uma propensão clara para priorizar o desporto praticado por homens.

A relação entre o desporto e os *media* não só influencia a cobertura e visibilidade das modalidades femininas, mas também perpetua estereótipos de género que afetam a forma como as atletas são representadas. A prática discursiva de retratar as mulheres atletas como objetos de humor ou de menor valor competitivo, foi uma prática bastante utilizada no passado, sendo que os *media* focavam-se mais na aparência física das atletas, do que no seu desempenho, o que

reforçou normas patriarcais, e dificultou a conquista de igualdade e visibilidade para as atletas (Gouveia et al., 2021). Segundo Coates (2004), a linguagem utilizada pelos *media* molda a nossa percepção do mundo, e neste caso, reforça a invisibilidade ou secundarização das mulheres no contexto desportivo. Apesar do aumento da cobertura do futebol feminino com os Mundiais de 1999 e 2001, as atletas continuaram, por vezes, a ser retratadas pela sua beleza ou feminilidade. Deste modo, “o posicionamento do futebol feminino em geral, incluindo a persistente marcação de género do desporto, significa que "para alcançar a paridade entre mulheres e homens, tem de haver uma nomenclatura paralela, bem como uma cobertura mediática igual” (Woodward, 2019, citado em Parry et al., 2023, pp. 595).

Contudo, “pesquisas recentes indicaram que a cobertura do desporto feminino se tornou menos banalizada e sexualizada em comparação com a cobertura histórica” (Gouveia et al., 2021, p. 866). A realização do Mundial de Futebol Feminino em 2015, marcou um ponto de viragem, destacando uma mudança positiva no panorama da cobertura dos *media* face ao futebol feminino, dando mais ênfase à *performance* das jogadoras, refletindo transformações sociais mais amplas sobre o desporto feminino. Desde então, o futebol feminino tem conquistado gradualmente maior visibilidade, com um interesse crescente tanto por parte dos *media*, como por parte do público. Este interesse tem contribuído para que as atletas femininas ocupem mais espaço nos relvados e nos meios de comunicação, ainda que o tratamento desigual persista.

No que respeita à representação das atletas nas plataformas digitais, estudos como os de Lavoie e Calhoun (2014) mostram sinais encorajadores. Apesar do domínio masculino no desporto, os novos *media* têm desempenhado um papel fundamental na redefinição da maneira como as mulheres são retratadas. Muitas vezes são representadas como “cidadãs” exemplares, com imagens que destacam a sua dedicação nos treinos e competições, livres de sexismo ou tom humorístico (Parry et al., 2023).

Em concordância com a análise da cobertura jornalística do futebol feminino é possível abordar duas teorias da comunicação, o *agenda-setting* e o *framing*. A teoria do *agenda-setting* remete essencialmente para o modo como os meios de comunicação influenciam a agenda pública ao destacar determinados temas, e assim, moldam a percepção e a importância que a sociedade atribui a esses tópicos.

Segundo McCombs & Shaw (1993),

*Agenda-setting é considerada mais do que a clássica asserção de que as notícias nos dizem sobre o que pensar. As notícias igualmente nos dizem como pensar acerca disso. A seleção*

*de objetos para a atenção e a seleção dos enquadres pensados acerca destes objetos são o ponto forte do papel do agenda-setting. (p.62).*

Deste modo, os *media* exercem influência sobre as prioridades das pessoas, ao atribuir maior relevância a um assunto específico. Com isso, os meios de comunicação são capazes de direcionar a atenção e a opinião pública para determinadas questões, modificando os temas discutidos no debate público.

No contexto da cobertura jornalística do futebol feminino, esta demonstra os efeitos do *agenda-setting*, uma vez que historicamente o futebol masculino dominou as manchetes dos jornais desportivos, relegando o futebol feminino para uma posição secundária. Assim, a cobertura do futebol feminino pode ser definida pela demonstração de um *agenda-setting* pontual, uma vez que os *media* abordam o futebol feminino apenas em momentos específicos, como a vitória de campeonatos, sendo que essa falta de cobertura reduz a visibilidade e importância percebida do futebol feminino, limitando as condições de desenvolvimento da modalidade.

Por outro lado, o *framing* envolve a seleção de certos aspetos da realidade percebida, tendo como objetivo promover uma interpretação específica, ou seja, os meios de comunicação estruturam e apresentam as notícias, influenciando a percepção e interpretação de um determinado tema. O *framing*, ao contrário do *agenda-setting* vai além da seleção de temas, focando-se no modo como o assunto é abordado e quais os aspetos enfatizados (Entman, 1993). No caso do futebol feminino, o *framing* é especialmente relevante, uma vez que a forma como o tema é abordado – ou enquadrado – pelos *media* pode moldar a percepção do público em relação à modalidade. Por exemplo, o futebol feminino é enquadrado, muitas vezes, como uma “subcategoria” do futebol, como expressões como “futebol feminino”, enquanto o futebol masculino raramente leva o género no nome. Esse tipo de *framing* posiciona o futebol feminino como um complemento ao masculino, como se o género fosse um diferencial, e não como uma modalidade autónoma com valor próprio. Esse enquadramento contribui para a perpetuação da ideia de que o futebol feminino é menos relevante ou empolgante do que o masculino. Por outro lado, ao adotar este *frame* a cobertura jornalística enfatiza a questão de género, sendo que o enfoque na força feminina, neste caso, é positivo, pois ajuda a desafiar estereótipos de género e a promover discussões sobre igualdade no desporto.

Ainda que os avanços sejam significativos, com um maior reconhecimento mediático e social do futebol feminino, as representações das atletas nos meios de comunicação continuam a focar-se, por vezes, na questão de género. A participação crescente das mulheres no desporto ainda não se traduz em igualdade de oportunidades e reconhecimento, uma vez que o desporto

permanece amplamente associado ao domínio masculino. No entanto, o crescimento do futebol feminino e o seu impacto nos *media* são inegáveis, algo que se tornou claro durante o Mundial de Futebol Feminino de 2023, evento que quebrou recordes de audiência e impulsionou uma ampla cobertura mediática, tanto em jornais impressos como em jornais *online*.

### **1.7. A Imprensa Desportiva em Portugal: *A Bola e Record***

A imprensa desportiva em Portugal é marcada por um longo histórico de jornais que têm influenciado significativamente a forma como o desporto, e especialmente o futebol, é retratado no país. Entre os principais jornais desportivos, *A Bola* e *Record* destacam-se pelo seu impacto e tradição.

Fundado em 1945, *A Bola* consolidou-se como um dos jornais desportivos mais prestigiados e influentes em Portugal. Originalmente criado com o intuito de celebrar os valores desportivos e promover uma visão de elevação do futebol como elemento de identidade nacional, o jornal manteve um estilo editorial cuidadoso (Silva, 2020). O jornal *A Bola* é conhecido pelo seu compromisso com a qualidade do jornalismo e pela proximidade com os clubes de futebol mais populares do país, como é o caso do SL Benfica, do Sporting CP e do FC Porto, o que lhe confere uma base de leitores dedicada. Além disso, a cobertura de outros desportos, embora menor, tem sido um fator importante para o jornal, permitindo-lhe atrair um público diverso.

Por outro lado, o *Record*, fundado em 1949, segue uma linha editorial distinta, marcada por uma abordagem mais dinâmica e um estilo muitas vezes considerado mais próximo do jornalismo tabloide. Esta característica permite-lhe alcançar um público mais vasto e diversificado, apostando em manchetes impactantes e numa cobertura rápida e acessível dos principais eventos desportivos (Silva, 2020). Embora também se concentre principalmente no futebol, o *Record* procura através da sua versão digital e das suas redes sociais online, expandir o alcance da sua cobertura para outros desportos e públicos internacionais, refletindo uma estratégia que se adapta às novas exigências dos leitores.

Ambos os jornais evoluíram com o tempo, ajustando-se ao crescimento dos *media* e à diversificação do seu público. No entanto, enfrentam desafios comuns, como a concorrência das plataformas digitais e a necessidade de atrair leitores jovens. A transição para o digital permitiu a ambos os jornais desportivos expandirem a sua presença, mas também intensificou a competição e reforçou a necessidade de uma cobertura imediata e variada, como é o caso da abordagem de novas temáticas, como o futebol feminino. Assim, *A Bola* e o *Record*

representam pilares da comunicação desportiva portuguesa, cada qual com uma linha editorial própria e uma relevância inegável na construção do jornalismo desportivo em Portugal



## Metodologia

### 2.1. O Método

O sucesso de uma investigação científica depende, em grande parte, da metodologia adotada (Quivy & Campenhoudt, 1992), deste modo, para obter os dados empíricos e atingir o objetivo proposto na investigação, empreendeu-se uma abordagem metodológica articulada, entre o método quantitativo e o método qualitativo, pois ambos se constituem como complementares na presente investigação.

A abordagem qualitativa foi escolhida devido ao carácter essencialmente exploratório do estudo, tendo como objetivo principal a compreensão de um fenómeno específico. Assim, o método qualitativo possibilita uma interpretação detalhada de um dado fenómeno, sendo ideal no momento da elaboração de conclusões (Bardin, 1977). A abordagem qualitativa “pode ajudar a fornecer informações básicas sobre o contexto e assuntos” e, pode ainda, “agir como uma fonte de hipóteses” (Brannen, 1992, p.60), ou seja, uma metodologia qualitativa tem como objetivo analisar a “realidade” do objeto de estudo, não sendo traduzida em números, mas obtendo várias interpretações por parte do investigador, ou seja, pretende “(...) responder aos porquês e como da experiência, opinião e comportamento humano (...)” (Guest et al., 2013, p.1). Na metodologia qualitativa, o investigador assume um papel central e ativo na recolha de dados, funcionando como o principal instrumento de pesquisa. Para captar as complexidades e nuances do fenómeno estudado, é essencial que o investigador demonstre elevada sensibilidade ao contexto da investigação, integrando-se no ambiente e observando diretamente as interações e os significados atribuídos pelos participantes. Essa proximidade ao campo, sem interferir no ambiente natural, permite uma compreensão mais autêntica e aprofundada do fenómeno em análise (Patton, 1990). Esta abordagem caracteriza-se por ser descritiva, produzindo dados qualitativos na forma de palavras e imagens, que podem ser obtidos por meio de documentos, entrevistas ou observações (Sousa & Baptista, 2011). O foco está no processo investigativo, priorizando o desenvolvimento e a compreensão gradual do fenómeno, em vez de resultados imediatos (Sousa & Baptista, 2011). Reconhece-se a subjetividade tanto na recolha como na análise da informação, admitindo que a experiência dos participantes e do investigador influencia todo o processo (Cardoso, 2007). Além disso, a abordagem qualitativa adota uma perspectiva holística, procurando compreender o fenómeno como um todo integrado, em que cada elemento é influenciado pelo contexto social, cultural e temporal. Em vez de fragmentar o objeto de estudo, procura-se captar as interconexões que moldam as ações e os

comportamentos no seu ambiente “natural” (Patton, 1990). Este método permite ao investigador reunir múltiplas perspetivas e considerar fatores diversos, resultando numa visão abrangente e contextualizada do fenómeno (Creswell & Brown, 1992). Em contraste com a abordagem metodológica quantitativa, a abordagem qualitativa é, muitas vezes, caracterizada por ser mais maleável e mais fácil de adaptar à investigação (Bardin, 1977).

Por outro lado, o método quantitativo permite medir e quantificar dados, uma vez que “o número permite: a precisão; uma maior objetividade; a comparação e a reprodução; a generalização para situações semelhantes; a inferência (avaliação e testes de hipótese)” (Freixo, 2018, p.171). A metodologia quantitativa distingue-se pela formulação e testagem de teorias objetivas ao analisar as relações entre variáveis com base numa abordagem hipotético-dedutiva (Creswell & Creswell, 2018). Fundamentada em pressupostos positivistas, pós-positivistas, empiristas e comportamentalistas, esta metodologia concentra-se na obtenção de conhecimento a partir de dados mensuráveis e analisáveis de forma objetiva, com o propósito de testar hipóteses e validar teorias previamente estabelecidas. Diferentemente da abordagem qualitativa, a metodologia quantitativa tende a minimizar a subjetividade, uma vez que o investigador desempenha um papel mais distante, similar a um “outsider”, sendo que este distanciamento visa reforçar a neutralidade e a objetividade da investigação. A recolha de dados, por sua vez, é conduzida com métodos estruturados e procedimentos previamente definidos. Esta abordagem é especialmente indicada quando o objetivo é testar teorias, identificar fatores de determinados resultados ou avaliar a eficácia de uma intervenção (Creswell & Creswell, 2018).

Assim sendo, a abordagem metodológica mista permite a triangulação na análise de todos os dados recolhidos, devido às relações que se estabelecem entre os dados, uma vez que as “descobertas qualitativas podem facilitar a interpretação das relações entre as variáveis nos conjuntos de dados quantitativos” (Flick, 2014, p.35). Deste modo, é importante referir que a partir da articulação de ambas as metodologias, é possível determinar explicações, informações e interpretações (Flick, 2014).

No que respeita ao método escolhido para a condução da componente empírica da dissertação, este foi a análise de conteúdo, que segundo Krippendorff (1980) é “uma técnica de pesquisa que permite realizar inferências, válidas e replicáveis, dos dados para o seu contexto” (p.118). Segundo Quivy et al. (1992), a metodologia de análise de conteúdo é adequada para a “análise de estratégias, do que está em jogo num conflito, das componentes de uma situação problemática, das interpretações de um acontecimento, das reações latentes a uma decisão, do impacto de uma medida” (p.230).

Sendo assim, de modo a responder à problemática do trabalho e às questões de partida foram delineadas as seguintes hipóteses de pesquisa:

- Durante o período em análise, é viável identificar um incremento na cobertura do futebol feminino nos jornais *A Bola* e *Record*, refletindo um aumento perceptível na importância e reconhecimento do futebol feminino em Portugal;
- Os jornais *A Bola* e *Record* destacam eventos importantes do futebol feminino, mas ainda reproduzem desigualdades na cobertura, evidenciando um processo de inclusão incompleto e desigual.

## **2.2. Plano de Investigação e Recolha de Dados**

Tal como referido anteriormente, a problemática da presente dissertação fundamenta-se na análise da cobertura que os jornais desportivos nacionais dedicam às equipas femininas, com o objetivo principal de analisar a cobertura jornalística presente no *Record* e *A Bola*, e assim compreender a representação, valorização e inclusão do futebol feminino, através da análise das narrativas empregues e das representações das atletas.

Considerando a metodologia de análise de conteúdo, foram recolhidas as capas dos jornais impressos *A Bola* e *Record*, de modo a analisar os destaques das capas e consequentemente perceber a presença ou ausência do futebol feminino nas manchetes dos jornais desportivos mencionados.

O período escolhido para a recolha de dados foi a época 2023/2024 de futebol português feminino. A recolha dos dados foi iniciada no dia 14 de setembro de 2023, uma vez que foi neste dia que foi disputada a primeira taça da época, com o jogo entre o SL Benfica e o Sporting CP a contar para a Supertaça. O fim da recolha das capas realizou-se no dia 20 de maio de 2024, um dia após o último jogo de futebol feminino da época, disputado entre o SL Benfica e o Racing Power, a contar para a final da Taça de Portugal. Sendo assim, foram recolhidas e analisadas um total de 496 capas. Ademais, foi escolhido como espaço temporal a análise de uma época completa do futebol feminino, de modo a analisar este fenómeno como um todo, e assim compreender se o campeonato feminino é retratado durante outros momentos a não ser no final do campeonato, momento este em que é provável acontecer mais cobertura jornalística devido a ser um momento marcante de fecho da época, marcado por vitórias, mas também derrotas, e, como tal com maior potencial de noticiabilidade.

No que respeita à escolha dos jornais desportivos para a presente investigação, foram escolhidos os jornais *A Bola* e o *Record*, pois são os jornais desportivos mais reconhecidos e

especializados na cobertura desportiva em Portugal, bem como pela sua concorrência direta, sendo este ponto importante para a comparação das abordagens editoriais, e especialmente, na frequência do destaque dado ao futebol feminino. Como unidade de análise foram escolhidos os jornais impressos, pois são uma fonte mais fechada do que o *online* com o seu dinamismo inerente, e a análise das capas dos jornais, uma vez que são nas manchetes que se encontram as notícias mais importantes.

No processo de análise dos dados, uma vez que foi utilizada uma metodologia mista, no que respeita à análise qualitativa, foram analisados pontos importantes como as narrativas empregues nas capas dos jornais face ao futebol feminino, de modo a identificar potenciais padrões de representação e visibilidade, ou se, pelo contrário, estas perpetuam estereótipos e desigualdades de género, bem como a linguagem utilizada para descrever os eventos, a valorização implícita ou desvalorização implícita dos eventos, bem como a conotação simbólica dos títulos e imagens. Deste modo, a análise qualitativa foi fundamental para a compreensão e interpretação de sentidos e enquadramentos, ao compreender os significados implícitos e as narrativas recorrentes na cobertura jornalística do futebol feminino.

Em relação à análise quantitativa foi utilizado o programa Excel<sup>1</sup>, *software* fundamental para estruturar e organizar as capas recolhidas, de forma clara e sistemática, sendo que a criação de tabelas e gráficos com os indicadores definidos para a presente análise facilitou a análise da presença e do destaque do futebol feminino nas capas.

Deste modo, ao articular uma abordagem sistemática e fundamentada, que alia a objetividade da metodologia quantitativa à profundidade interpretativa da análise qualitativa, através da análise das capas de jornais desportivos durante uma época completa, com diferentes dimensões analíticas, foi possível levar a cabo uma investigação com um olhar abrangente, articulado e crítico sobre a forma como o jornalismo desportivo português pode abrir espaço para uma reflexão sobre os caminhos possíveis para uma cobertura mais equitativa e inclusiva no futuro.

---

<sup>1</sup> Note-se como Meyer e Avery (2008) demonstraram algumas das funcionalidades do Excel, e como este pode ser fundamental para apoiar uma boa análise dos dados numa investigação.

### 2.3. Indicadores de Análise

A definição dos indicadores de análise, utilizados na presente investigação, visa garantir uma abordagem sistemática e coerente com os objetivos propostos para a análise da cobertura jornalística do futebol feminino em Portugal, no período compreendido entre o dia 14 de setembro de 2023 e o dia 20 de maio de 2024. Deste modo, tendo em conta a adoção da abordagem metodológica mista, foram definidos indicadores fundamentais para a análise das capas recolhidas dos jornais *A Bola* e *Record*, através do software Excel, onde foi criada, e posteriormente preenchida, após a análise de cada uma das capas, uma tabela com todos os indicadores abaixo mencionados.

O primeiro indicador de análise foi a **presença do futebol feminino na capa (Sim/Não)**, sendo que este é um indicador central da análise, uma vez que permite quantificar objetivamente a visibilidade atribuída ao futebol feminino, comparando-a com a do futebol masculino.

Posteriormente, a **posição na capa (destaque principal ou secundário)**, reflete o grau de importância que é atribuído editorialmente. Desta forma, este indicador permite avaliar não apenas a presença, como também o destaque efetivo dado ao futebol feminino.

O indicador **tipo de destaque (menção breve, secundária ou principal)**, é um indicador considerado visual e bastante relevante, pois a sua análise permite compreender o modo como esta modalidade é promovida ou não nas capas dos jornais.

A categoria **imagem associada (Sim/Não)**, fortalece o impacto visual da notícia, uma vez que permite perceber se o futebol feminino é acompanhado de elementos visuais ou se apenas é limitado a menções textuais. Para além disso, este indicador é importante para compreender de que modo é que o jornalismo desportivo retrata as jogadoras através da escolha da fotografia para ilustrar a notícia.

Para além disso, o **tópico abordado** na notícia também é importante, pois permite compreender quais os assuntos mais associados ao futebol feminino nas capas, revelando possíveis tendências narrativas ou estereótipos editoriais.

Por fim, o **tom da notícia (neutro, positivo ou negativo)**, permite uma análise qualitativa fundamental para avaliar a construção discursiva e as possíveis implicações simbólicas da cobertura jornalística.



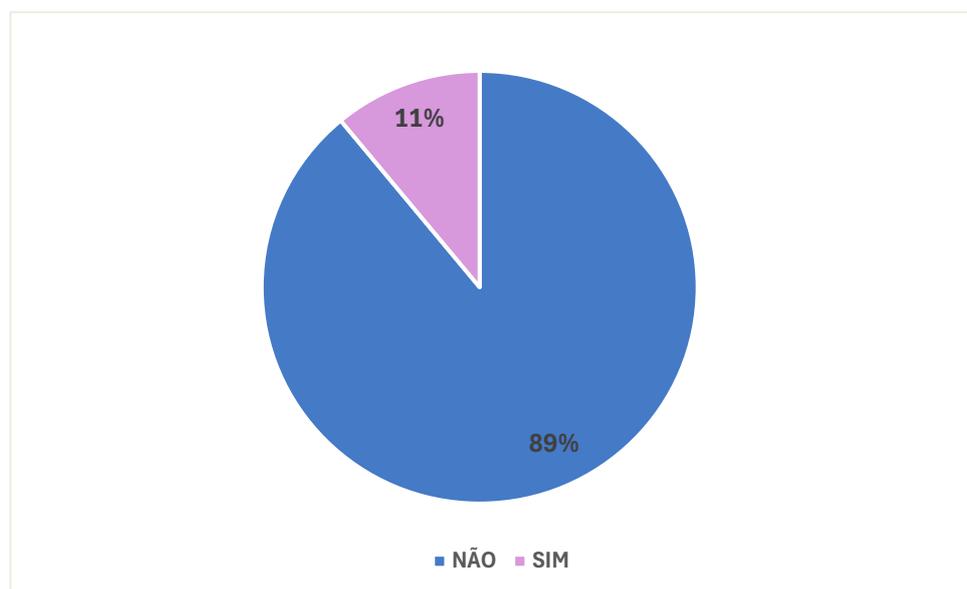
## Análise e Discussão dos Resultados

O presente capítulo estrutura-se em várias secções, começando por uma caracterização geral da amostra, seguida da apresentação dos dados quantitativos e qualitativos, e culminando numa interpretação crítica dos resultados obtidos. A discussão dos resultados será acompanhada de reflexões ancoradas na literatura, tendo como objetivo contribuir para uma investigação e debate sobre género, desporto e comunicação social. Pretende-se, desta forma, contribuir para uma compreensão aprofundada do lugar que o futebol feminino ocupa no jornalismo desportivo em Portugal, bem como para a reflexão sobre os desafios que ainda se colocam à sua visibilidade e valorização.

### 3.1. Espaço e Relevância: A Presença do Futebol Feminino nas Capas

A amostra analisada corresponde a um total de 496 capas, dos jornais desportivos portugueses *A Bola* e *Record*, sendo que foram recolhidas e examinadas 248 edições de cada jornal, de forma equitativa, garantindo assim uma análise comparativa equilibrada entre os dois jornais. No que diz respeito à presença do futebol feminino nas capas, os dados revelam uma clara disparidade. Das 496 capas analisadas, verificou-se um total de 441 capas (cerca de 88,9%), sem qualquer referência ao futebol feminino, enquanto apenas 56 manchetes (11,1%), apresentaram algum conteúdo relacionado com esta prática desportiva. Estes resultados refletem a persistente invisibilidade do desporto feminino nos *media*, fenómeno já identificado em diversos estudos sobre género e comunicação no contexto desportivo. (Gráfico 1).

**Gráfico 1 - A presença do futebol feminino nas capas dos dois jornais desportivos**



Ao analisar agora os dados por jornal, observa-se que o jornal *Record* foi o que mais vezes incluiu o futebol feminino nas suas capas, com um total de 35 menções, representando um peso de 14,1% do seu total de capas. Por sua vez, *A Bola* apresentou apenas 21 capas com referência ao futebol feminino, o que corresponde a 8,4% das suas edições durante o período em análise (Tabela 1).

**Tabela 1 - A presença do futebol feminino nas capas dos jornais desportivos**

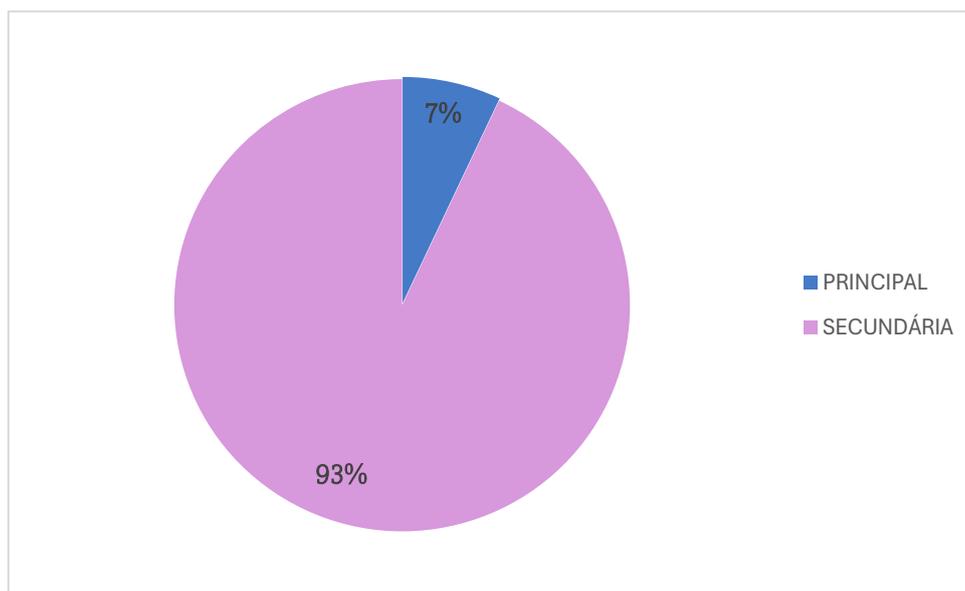
O futebol feminino está presente na capa?	Jornais Desportivos				Total	%
	A Bola	%	Record	%		
Não	228	91,6%	213	85,5%	441	88,9%
Sim	21	8,4%	35	14,1%	56	11,1%
Total Geral	249	100%	249	100%	496	100%

A visibilidade limitada do futebol feminino nas capas pode ser interpretada à luz de mecanismos estruturados de género enraizados no universo desportivo mediático e desportivo, onde as mulheres continuam a enfrentar barreiras de reconhecimento e valorização (Pfister & Radkte, 2009). Em particular, Gouveia et al. (2021) apontam que, apesar do crescimento do interesse e do *engagement* dos adeptos no futebol feminino em Portugal, este continua a ser frequentemente remetido a um lugar periférico no discurso mediático, o que contribui para a sua menor legitimidade simbólica. Sendo assim, esta primeira leitura quantitativa permite lançar pistas relevantes para uma análise mais aprofundada da forma como o futebol feminino é representando (ou ignorado) nas capas, e de que modo isso pode influenciar a construção do valor da modalidade.

### **3.2. Posição nas Capas: O Lugar do Futebol Feminino nas Capas**

No que respeita ao tipo de posição e destaque atribuído ao futebol feminino nas capas dos jornais desportivos, é importante referir, para além da presença quantitativa reduzida, também a posição ocupada pela temática do futebol feminino nas capas dos jornais desportivos analisados, uma vez que este fator reflete o grau de destaque e visibilidade simbólica atribuído ao conteúdo jornalístico. De acordo com os dados apresentados no Gráfico 2, apenas 7% das menções ao futebol feminino mereceram uma posição de maior destaque, situada no meio da página – espaço geralmente reservado para os temas considerados prioritários ou com maior valor noticioso.

**Gráfico 2 - A posição das notícias relativas ao futebol feminino nas capas dos dois jornais**



Ademais, é possível analisar que das 56 capas que incluíram alguma referência ao futebol feminino, 52 destas situaram-se no rodapé da capa, enquanto apenas 4 ocupavam o meio da primeira página (Tabela 2). Deste modo, este resultado demonstra uma clara tendência para a secundarização espacial do futebol feminino, com 92,9% das referências colocadas numa posição secundária.

**Tabela 2 - A posição das notícias relativas ao futebol feminino nas capas**

<b>Posição na capa</b>	<b>Total</b>
Principal	4
Secundária	52
<b>Total</b>	<b>56</b>

A escolha de colocar o futebol feminino em posições menos visíveis corrobora a ideia de que esta modalidade continua a ser percecionada editorialmente como periférica no panorama desportivo, mesmo nos momentos em que é incluída na narrativa jornalística. Esta marginalização espacial e gráfica pode ser interpretada como uma extensão da hierarquia simbólica de género presente no desporto, onde o futebol masculino continua a dominar o espaço mediático (Pfister, 2015). Tal como defendem Gouveia et al. (2021), a visibilidade mediática tem um papel crucial na consolidação do interesse dos públicos, sendo um fator determinante na legitimação do futebol feminino como um espetáculo digno de atenção.

No que respeita à distribuição da posição do futebol feminino por jornal desportivo, é possível compreender, através da análise da Tabela 3, que dos 21 casos em que o jornal *A Bola* abordou o futebol feminino, 18 foram colocados no rodapé da capa e apenas 3 destaques foram apresentados como centrais. Por sua vez, no jornal *Record*, entre os 35 casos identificados, 34 destes situaram-se no rodapé da capa do jornal, sendo que apenas 1 notícia relativa ao futebol feminino teve um destaque central. Estes dados reforçam a tendência identificada anteriormente (Tabela 2), evidenciando que ambos os jornais optam sistematicamente pela colocação de conteúdos sobre futebol feminino em posições menos visíveis, embora o *Record* o faça de forma mais acentuada. De facto, apenas 2,8% das menções do *Record* ocuparam o meio da capa, face aos 14,3% no jornal *A Bola*. Esta diferença, embora modesta, sugere que há ligeiras variações editoriais entre os jornais, mas que nenhum dos dois atribui uma centralidade real à modalidade nas suas manchetes.

**Tabela 3 - Distribuição da posição do futebol feminino por jornal desportivo**

Posição na capa	Jornais Desportivos		Total
	A Bola	Record	
Meio	3	1	4
Rodapé	18	34	52
Total	21	35	56

Este tipo de enquadramento reforça os mecanismos de invisibilidade simbólica discutidos por Pfister (2015), onde relata que a cobertura jornalística do desporto feminino, apesar de existir, é sistematicamente remetida para as margens, reduzindo o seu potencial de captação de atenção por parte do público leitor. Gouveia et al. (2021) argumentam que a centralidade mediática é um fator determinante para o crescimento do *engagement* e da valorização social do futebol feminino, sendo por isso essencial que as notícias relativas a esta temática sejam apresentadas de forma central nas capas dos jornais. Para além disso, por vezes, esta prática permite delinear estereótipos de género, uma vez que o futebol feminino pode ser associado a um “produto menor” dentro da lógica desportiva, contrariando os princípios de equidade e diversidade que têm vindo a ser promovidos em múltiplas esferas sociais e institucionais.

### **3.3. Tom, Estrutura e Enquadramento das Capas**

No presente subcapítulo serão abordados pontos fundamentais da análise das capas dos jornais desportivos, tais como o tipo de menção associada às notícias, o tamanho da manchete e a tonalidade das notícias.

No que respeita ao tipo de menção nas capas dos jornais, segundo a análise da Tabela 4 e do Gráfico 4, é possível compreender que a presença do futebol feminino nas capas dos jornais desportivos *A Bola* e *Record*, é, maioritariamente, feita através de menções breves. Dos 56 casos registos, 46 destes correspondem a menções breves, o que representa 82% do total, conforme expresso visualmente no gráfico de barras. Este dado é indicativo de uma prática editorial que remete o futebol feminino para um papel secundário, dando-lhe pouca profundidade e destaque. A menção breve significa<sup>2</sup>, na maioria das vezes, a inclusão do tema de forma secundária, sem desenvolvimento ou ênfase, frequentemente limitado a notícias de reduzida dimensão textual. Por outro lado, as menções em destaque principal (4 casos, o que incide sobre 7% das capas) e secundário (6 casos, o que representa 11%), são bastante raras. A menção principal<sup>3</sup> – que corresponderia a colocar o futebol feminino como tema de maior relevância na capa – é extremamente baixa, confirmando a sua pequena centralidade no agendamento mediático desportivo, frequentemente limitado a notícias de reduzida dimensão textual. Mesmo a menção secundária<sup>4</sup> – que se encontra num espectro entre a menção principal e as menções breves, ou seja, notícias que demonstram um pouco mais de teor informativo e realce do que as notícias breves – não demonstram um grande peso nesta análise. Este dado é ilustrativo de uma prática jornalística que continua a reproduzir desigualdades de género na visibilidade desportiva (Silva, Botelho-Gomes & Queirós, 2017).

No que diz respeito à comparação entre os jornais, nota-se que o *Record* apresenta uma ligeira tendência em incluir mais referências ao futebol feminino, mas também através de menções breves (30 no *Record* contra 16 n' *A Bola*). No entanto, o jornal *A Bola* apresenta uma quantidade superior de menções principais (3 em comparação com apenas 1 no *Record*), o que pode sugerir uma ligeira abertura editorial pontual, embora de forma muito limitada.

Este padrão reflete o que Gouveia et al. (2021) designam como uma presença simbólica do futebol feminino nos *media*, onde as mulheres aparecem, mas raramente ocupam o centro do discurso ou da narrativa. A preponderância da menção breve confirma, ainda, as conclusões de Pfister (2015), que destaca a persistência de uma cultura desportiva mediática fortemente masculina, onde o futebol feminino é frequentemente tratado como um *outsider*.

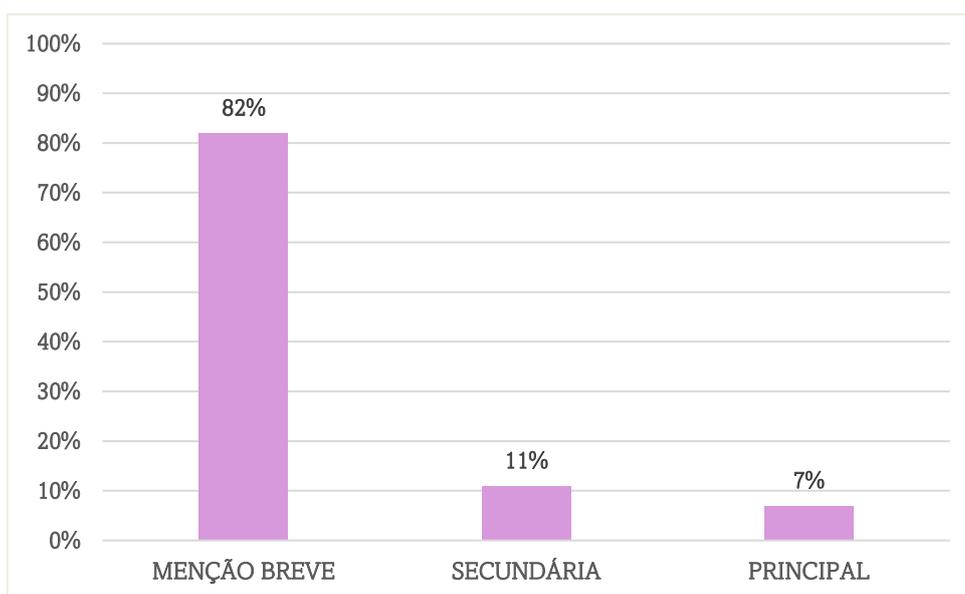
---

<sup>2</sup> Anexo 1 e 2

<sup>3</sup> Anexo 3 e 4

<sup>4</sup> Anexo 5 e 6

**Gráfico 4 - Tipo de menção utilizada nas notícias relativas ao futebol feminino**



**Tabela 4 - Tipo de menção utilizada nas notícias relativas ao futebol feminino**

Tipo de Menção	Jornais Desportivos		Total
	A Bola	Record	
Menção breve	16	30	46
Principal	3	1	4
Secundário	2	4	6
Total	21	35	56

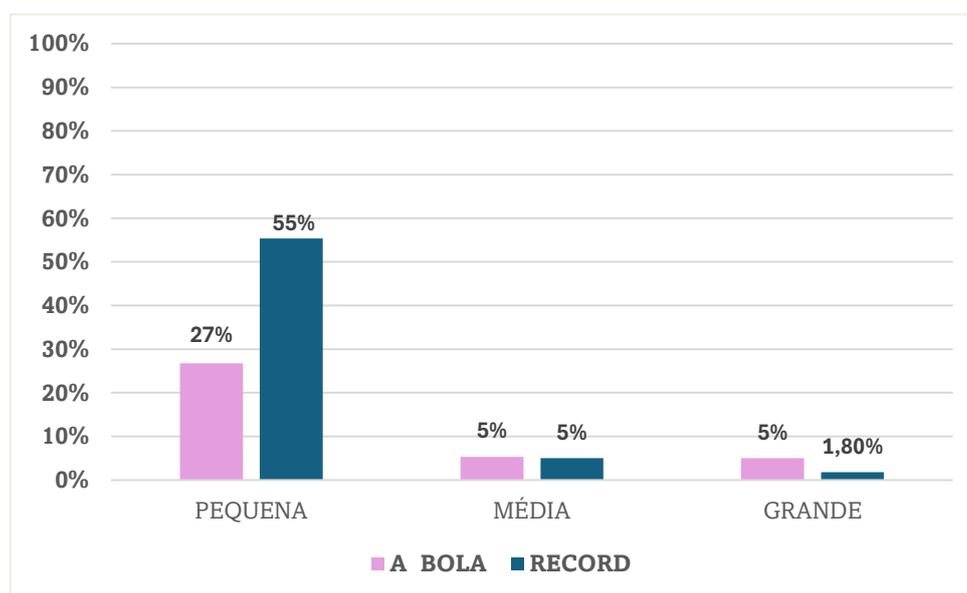
No que concerne à análise do tamanho das notícias associadas ao futebol feminino<sup>5</sup>, o Gráfico 6 permite observar que a esmagadora maioria das notícias relativas ao futebol feminino ocupam espaços reduzidos nas capas dos jornais desportivos *A Bola* e *Record*. Do total de 56 casos analisados, 46 notícias (82%), são pequenas, o que permite reforçar a ideia de que o futebol feminino é sistematicamente tratado como um conteúdo de menor importância editorial, o que possibilita entender que o futebol feminino pode ser abordado por vezes, mas não é valorizado na generalidade (Gouveia et al., 2021). Segundo Pfister (2025), esta sub-representação quantitativa e qualitativa é um dos fatores que reproduz o fosso de género no desporto, moldando perceções sociais que legitimam a ideia de que o futebol feminino é menos interessante ou menos importante do que o futebol masculino. Para além disso, em termos

<sup>5</sup> Anexos 7 - 12

gerais, os dados mostram ainda que apenas 4 notícias presentes nas manchetes (7%) são consideradas de grande tamanho, sendo que apenas 6 notícias (10%) são de tamanho médio, ou seja, mesmo somados, os espaços mais destacados representam apenas 17% do total, o que evidencia a dificuldade do futebol feminino em obter destaque visual nas capas. Entre os jornais analisados, verificou-se que *A Bola* apresenta 3 manchetes grandes e 3 médias, enquanto o *Record* apresenta apenas 1 notícia de maior valor e 3 notícias de média dimensão. Este pequeno desvio, embora interessante, não altera a tendência geral de minimização do futebol feminino, que é tratado, na maioria dos casos, com pouca visibilidade gráfica.

Sendo assim, a dimensão mais pequena das notícias não só limita o impacto visual e a capacidade de atrair leitores, como também simboliza uma hierarquização editorial onde o futebol feminino continua a ocupar uma posição secundária. Este padrão revela-se particularmente preocupante, pois a visibilidade mediática é um fator determinante para o reconhecimento, financiamento e desenvolvimento do desporto feminino. Assim, esta análise permite compreender que o futebol feminino é frequentemente enquadrado de uma forma diminuta, espelhando desigualdades estruturais que persistem no panorama mediático desportivo português.

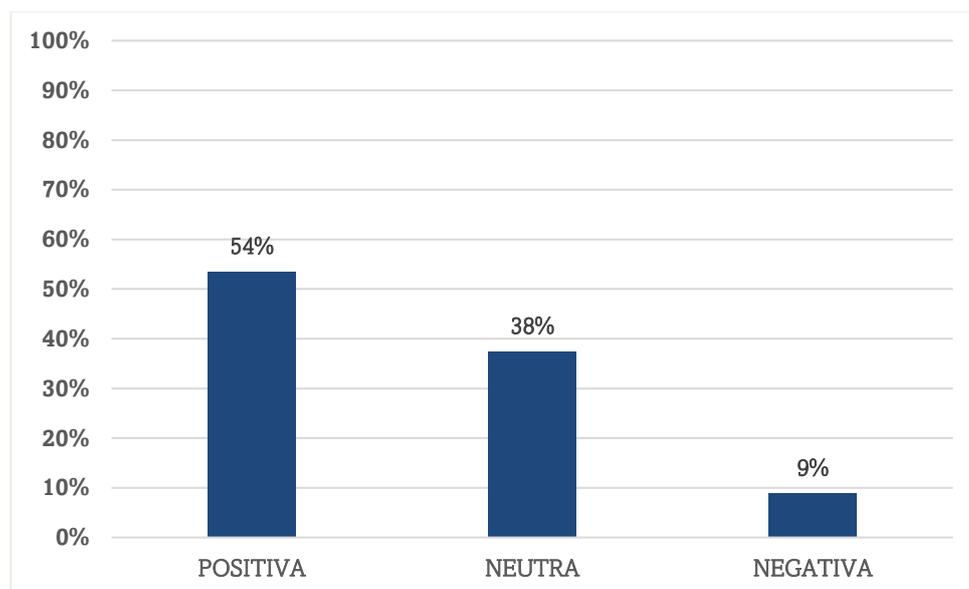
**Gráfico 5 - Tamanho da notícia associada ao futebol feminino na capa**



No que diz respeito à análise do tom das notícias sobre o futebol feminino, segundo o Gráfico 6, é notório que a maioria das notícias apresenta um tom positivo. De um total de 56 casos analisados, 30 notícias, ou seja, 54%, são caracterizadas de forma positiva, enquanto 21 notícias (38%), demonstram um tom neutro e apenas 5 notícias, o que remete para apenas 8%,

são escritas negativamente. No entanto, é importante ressaltar que as notícias que apresentam um tom negativo não demonstram narrativas desvalorizadoras ou depreciativas relativas ao futebol feminino ou a alguma das atletas, sendo importante notar que não foi analisado nenhum caso de estereótipo ou preconceito de gênero em nenhum dos jornais analisados. Isto é, o que é escrito como negativo é apenas relativo à prestação no jogo, como é o caso da capa do jornal *A Bola*, datada do dia 28 de outubro de 2023<sup>6</sup>, com o seguinte título “Navegadoras pagam pela falta de eficácia” ou a capa do dia 28 de março de 2024 do jornal *Record*<sup>7</sup> que remete para um jogo da Liga dos Campeões, onde o SL Benfica foi derrotado pelo Olympique Lyonnais, e não conseguiu chegar às meias-finais da competição. Esta prevalência de uma abordagem positiva é um sinal relevante, uma vez que contraria a tendência histórica de desvalorização e descrédito do desporto feminino nos *media*. No entanto, apesar da presença de um tom positivo ser importante, esta é ao mesmo tempo insuficiente pois não altera o destaque e a frequência limitada que é característica da cobertura jornalística sobre o futebol feminino (Parry et al., 2023).

**Gráfico 6 - Tom das notícias sobre o futebol feminino nos dois jornais**



Deste modo, é possível compreender que a análise da presença do futebol feminino nas capas dos jornais desportivos *A Bola* e *Record* evidencia uma cobertura ainda limitada e secundarizada. A maioria das notícias surge em posições de menor destaque, com títulos pequenos e menções breves. Apesar disso, a tonalidade das notícias é maioritariamente positiva, o que revela uma evolução face a abordagens mais discriminatórias do passado.

<sup>6</sup> Anexo 13

<sup>7</sup> Anexo 14

### 3.4. A valorização visual do futebol feminino na imprensa desportiva

A presença de imagens nas notícias é um recurso visual importante que pode contribuir para a valorização simbólica dos conteúdos jornalísticos, especialmente nas capas dos jornais, onde a disputa pela atenção do leitor é mais intensa. No contexto da cobertura do futebol feminino, a utilização de imagens pode indicar um esforço editorial para conferir maior visibilidade a este segmento, muitas vezes menos abordado nos *media* desportivos (Pfister, 2015).

Deste modo, segundo a análise da Tabela 5, esta revela que, de um total de 56 capas onde o futebol feminino é abordado, 37 destas (66,1%) apresentavam uma imagem associada, enquanto 19 destas capas (33,9%), não dispunham de qualquer recurso visual. Esta predominância da imagem pode ser interpretada como uma tentativa de aumentar o *engagement* do público, já que os elementos visuais são muitas vezes mais impactantes e facilitadores da identificação emocional com o conteúdo, uma vez que o papel da comunicação visual é fundamental para a aproximação do leitor com a notícia destacada (Gouveia et al., 2021).

No que respeita à distribuição por título, observa-se que o jornal *Record* inclui imagens em 24 das 35 notícias (68,6%), ao passo que *A Bola* o faz em 13 das suas 21 notícias (61,9%). Estes dados são fundamentais, pois demonstram que ambos os jornais apresentam uma taxa elevada, embora com uma ligeira diferença entre ambos, o que acentua o facto de que a presença de imagens nas notícias pode estar relacionada com a tentativa de representar as mulheres atletas como protagonistas e diminuir os estereótipos, ou seja, acabar com o modo como antes os meios de comunicação abordavam a presença da mulher no desporto, pelo “escrutínio das atletas com base na sua aparência física, em vez do seu desempenho na arena” (Gouveia et al., 2021, p. 865).

Segundo Gouveia et al. (2021),

*Os meios de comunicação tornaram-se parte do processo e produção de significado (Goffman, 1974; Gamson, Croteau, Hoynes, & Sasson, 1992), razão pela qual a influencia da ‘preferência do público’ por um desporto praticado pelo género feminino é socialmente construída (Villamar & Smith, 2019) (p.865).*

**Tabela 5 – “Existe uma imagem associada à notícia?”**

A notícia apresenta uma imagem associada?	Jornais Desportivos		Total
	A Bola	Record	
Não	8	11	19
Sim	13	24	37
<b>Total</b>	21	35	56

É relevante lembrar que como Pfister e Radkte (2009) referem, o aumento da presença de mulheres em contextos desportivo, como os *media*, pode demonstrar efeitos simbólicos importantes no combate à desigualdade de género e na promoção de modelos de liderança femininos. No entanto, essa representação deve ser feita de forma crítica e consciente, sendo que na presente análise foi possível destacar algumas capas onde momentos de vitórias do futebol feminino tiveram menos notoriedade em comparação com momentos de vitórias do futebol masculino. No caso do futebol masculino, quando é conhecida a equipa que ganhou o campeonato nacional é bastante provável que as manchetes dos jornais desportivos no dia seguinte à vitória demonstrem uma imagem que ilustre de forma notória a conquista da equipa, sendo que este ponto pode ser observado em ambos os jornais na época 2023/2024 aquando da vitória do campeonato por parte do Sporting CP<sup>8</sup>. No entanto, quando falamos das vitórias do futebol feminino este ponto não é possível de ser equiparado, uma vez que em ambos os jornais o destaque que é dado à vitória do campeonato de futebol feminino por parte da equipa do SL Benfica, no dia 11 de maio de 2024,<sup>9</sup> é abordada de uma forma bastante discreta, com uma pequena imagem a ilustrar a notícia em ambos os jornais e um título bastante simplista onde é possível apenas ler “Benfica Tetracampeão”, no caso do jornal *A Bola*, e “Águias fazem o Tetra nos descontos”, no caso da notícia referente ao jornal *Record*. Neste caso é importante referir que a equipa de futebol masculino do Sporting CP tinha vencido o campeonato nacional no dia 5 de maio de 2024, e embora o jogo disputado pelos leões no dia 11 de maio de 2024 não contar para as contas do título, uma vez que este já tinha sido ganho, ambos os jornais optaram por dar mais notoriedade e centralidade a uma notícia sobre um jogo do futebol masculino, do que à vitória do campeonato de futebol feminino.

Esta disparidade reforça a hierarquia de atenção mediática que continua a privilegiar o desporto praticado por homens, perpetuando uma lógica de marginalização simbólica das mulheres no desporto. Ademais, é possível notar que no caso das capas analisadas, observa-se que mesmo quando a imagem está presente, muitas vezes o enquadramento visual não transmite a mesma intensidade emocional que caracteriza a cobertura masculina. A intensidade emocional, neste contexto, refere-se ao grau de expressividade, a carga simbólica e o impacto visual transmitido pelas imagens e títulos utilizados nas capas dos jornais para representar determinados acontecimentos desportivos, neste caso a vitória do campeonato nacional. Esta intensidade manifesta-se, por exemplo, na escolha de fotografias com expressões de euforia ou

---

<sup>8</sup> Anexo 15 e 16

<sup>9</sup> Anexo 17 e 18

multidões em festa. Quando aplicada à cobertura do futebol masculino, esta intensidade tende a ser elevada, conferindo maior valor simbólico e emocional ao acontecimento. Por outro lado, no caso do futebol feminino, observa-se frequentemente uma redução desta intensidade, com imagens mais neutras, títulos simples e menos destaque visual, o que pode contribuir para uma representação menos envolvente e emocionalmente significativa. Esta desigualdade de notoriedade mediática não é apenas um reflexo da prática jornalística, mas também uma expressão de estruturas sociais mais amplas que continuam a reproduzir a ideia de que o desporto é um espaço predominantemente masculino. A persistência deste enquadramento reforça o ciclo de invisibilidade relativa ao futebol feminino e limita e pode limitar a sua valorização simbólica junto do grande público.

### **3.5. Discussão Geral dos Resultados**

A análise das capas dos jornais *A Bola* e *Record*, entre setembro de 2023 e maio de 2024 revelou padrões consistentes de invisibilidade simbólica e secundarização editorial do futebol feminino. Apesar de ser possível observar um tom positivo na redação das notícias, a sua frequência, localização, profundidade e dimensão gráfica continuam a demonstrar que o futebol praticado por mulheres ocupa um lugar periférico na agenda mediática desportiva.

A presença residual do futebol feminino em apenas 11,1% das capas analisadas, sendo que a esmagadora maioria das capas não inclui qualquer menção à modalidade confirma o resultado de estudos anteriores (Pfister & Radkte, 2009; Gouveia et al., 2021), que evidenciam a resistência estrutural dos *media* desportivos à representação equitativa de género. Esta invisibilidade não resulta apenas da ausência, como também da forma como a presença se concretiza: em posições de rodapé, com menções breves e notícias de pequena dimensão.

Do ponto de vista quantitativo, a ligeira vantagem do *Record* na inclusão do futebol feminino (14,1% contra 8,4% no jornal *A Bola*) não altera significativamente o panorama geral. Ambos os jornais apresentam práticas editoriais que reforçam a hierarquia simbólica do desporto, onde o futebol masculino continua a ser o centro da narrativa jornalística, enquanto o feminino é frequentemente tratado como uma nota lateral, quando não ignorado por completo.

Esta secundarização espacial e simbólica reflete uma cultura desportiva mediática ainda profundamente enraizada em estereótipos de género. A quase inexistência de menções principais (apenas 4 casos) e a raridade de notícias de grande destaque visual indicam que o futebol feminino ainda não é reconhecido como um produto informativo prioritário, ou com

grande valor de notícia, o que limita o seu potencial de consolidação junto do público e de valorização institucional.

No entanto, um dado relevante emerge da análise qualitativa: o tom das notícias é maioritariamente positivo (54%), com ausência de estereótipos ou discriminação de género, ou seja, os títulos abordam apenas menções aos jogos e à prestação das equipas e das atletas. Este resultado assinala uma mudança de paradigma relativamente a décadas anteriores, em que o desporto feminino era frequentemente tratado de forma estereotipada (Silva, Botelho-Gomes & Queirós, 2017). Ainda assim, como argumentam Parry et al. (2023), a positividade do discurso não compensa a sua escassez, sendo necessário que a presença do futebol feminino nos *media* não seja apenas respeitosa, mas também frequente e central.

No que respeita à valorização visual, a inclusão de imagens em cerca de dois terços das capas com futebol feminino (66,1%), pode indicar uma tentativa de aumentar o impacto visual e o *engagement*, tal como proposto por Gouveia et al. (2021). No entanto, o conteúdo visual revela-se também desigual, já que momentos de glória do futebol feminino, como a conquista do campeonato nacional, foram tratados com menor expressividade do que eventos equivalentes no futebol masculino. Neste caso, é possível compreender uma menor expressividade no conteúdo visual representado nas capas dos jornais, uma vez que a forma discreta e pouco impactante em termos visuais, manifesta-se na escolha de imagens menos emotivas, com uma composição visual menos atrativa, bem como com títulos mais neutros. Em contraste, conquistas semelhantes no futebol masculino tendem a ser acompanhadas por imagens vibrantes, o que pode transmitir mais entusiasmo e importância. Isto reforça a ideia de que, mesmo quando presente, o futebol feminino continua a ser desvalorizado simbolicamente, reproduzindo a ideia de que se trata de um tema com menor importância nos *media*.

Por fim, importa destacar que os resultados apresentados não devem ser lidos apenas como um reflexo da prática editorial, mas também como parte de um sistema mediático e social mais amplo, onde as escolhas jornalísticas dialogam com perceções culturais, interesses económicos e padrões de consumo noticioso. Tal como sublinha Pfister (2015), a cobertura mediática não apenas reflete, mas também modela o interesse público e legitima ou deslegitima determinadas modalidades e protagonistas.

Assim, esta investigação contribui para uma compreensão mais profunda do lugar do futebol feminino na imprensa desportiva portuguesa, evidenciando que, apesar de alguns sinais de progresso, ainda subsistem desafios estruturais à sua visibilidade, valorização e equidade.

## CAPÍTULO 5

### Conclusões

O futebol feminino tem vindo a conquistar um espaço crescente no panorama desportivo, refletindo mudanças sociais mais amplas no que respeita à igualdade de género e à valorização das mulheres no desporto. Contudo, este crescimento nem sempre encontra correspondência na visibilidade mediática atribuída à modalidade. Tal como apontam Gouveia et al. (2021), apesar do aumento da participação e do interesse público, o futebol feminino continua frequentemente relegado para uma posição periférica no discurso jornalístico. Deste modo, a presente dissertação procurou analisar a cobertura jornalística do futebol feminino em Portugal, através da análise das capas dos jornais desportivos *A Bola* e *Record*, durante a época 2023/2024, tendo como base uma abordagem mista de análise de conteúdo.

Os objetivos do estudo foram duplos: por um lado, realizar uma análise quantitativa e qualitativa da cobertura jornalística do futebol feminino, identificado padrões de visibilidade e representação; por outro lado, problematizar de que forma tais representações podem contribuir para a valorização ou, inversamente, para a perpetuação de estereótipos de género no contexto desportivo português.

Os dados revelam uma clara sub-representação da modalidade: apenas 11,1% das capas continham qualquer menção ao futebol feminino, sendo que a esmagadora maioria dessas referências era de natureza secundária, surgindo no rodapé da capa e com uma pequena dimensão. De resto, apenas quatro capas apresentaram o futebol feminino como um tema de destaque central – um número claramente insuficiente, tendo em conta o crescimento da modalidade e os marcos relevantes que ocorreram no período em análise.

Além da análise quantitativa, a vertente qualitativa permitiu evidenciar elementos de *framing* e *agenda-setting* que contribuem para uma leitura crítica da forma como estes *media* configuram a importância dos temas. A forma como o futebol feminino é enquadrado nas capas dos jornais analisados reflete uma cobertura jornalística marcada por uma hierarquia de género, onde o desporto masculino continua a ser apresentado como o espaço de referência. Este padrão não é novo, mas a presente investigação demonstra que ele persiste, mesmo num momento em que a sociedade portuguesa assiste a mudanças significativas em termos de igualdade de género, e quando há sinais claros de transformação no panorama desportivo. Deste modo, esta desconexão entre a realidade desportiva e a narrativa mediática levanta questões fundamentais sobre o papel do jornalismo enquanto agente de mudança ou reproduzidor de desigualdades.

No que respeita à resposta à questão de partida - **Face ao presente processo de inclusão do futebol feminino em Portugal, como é que este foi retratado pelos jornais desportivos impressos: *A Bola* e *Record* na época 2023/2024?** – a análise permitiu afirmar que, apesar dos passos dados nos últimos anos pelos *media* para a inclusão do futebol feminino, este é ainda retratado de forma pontual e secundarizada nas capas dos jornais analisados. Esta presença é geralmente limitada a eventos de excepcional relevância, como é o caso de conquistas de títulos, e mesmo nesses casos, tende a surgir em posições editoriais com pouco destaque visual e textual. Em relação à resposta à pergunta subsidiária - **De que maneira essas representações e narrativas refletem a valorização e inclusão do futebol feminino?** – as representações observadas não refletem uma inclusão plena do futebol feminino, uma vez que esta inclusão é ainda quantitativamente limitada (apenas 11,1% das capas mencionaram o futebol feminino, como vimos) e qualitativamente reduzida a momentos excepcionais e breves, ou seja, o futebol feminino é tratado como um “acontecimento isolado” e não como um fenómeno desportivo estruturante, o que compromete a sua interiorização mediática e valorização social.

A nível comparativo, o jornal *Record* destacou-se ligeiramente com 35 referências, ou seja 14,1% das suas capas, face às 21 referências encontradas no jornal *A Bola* (8,4%). No entanto, esta diferença não representa uma mudança significativa no padrão editorial de ambos os títulos, uma vez que a grande maioria dessas referências surgiu em posições de rodapé (92,9%), com menções breves (82%), notícias de pequeno tamanho (82%), e sem centralidade narrativa. Este padrão revela-se consistente com o conceito de invisibilidade simbólica, abordado por Pfister (2015), onde as mulheres no desporto, ainda que presentes, são colocadas à margem do espaço mediático dominante. Mesmo quando o tom das notícias é, em larga medida, positivo, tal não se traduz em maior visibilidade ou protagonismo editorial. Este dado demonstra que o défice da inclusão do futebol feminino não reside apenas no conteúdo textual, mas sobretudo na forma como esse conteúdo é enquadrado e hierarquizado visualmente.

No que respeita às hipóteses de pesquisa:

- **Durante o período em análise, é viável identificar um incremento na cobertura do futebol feminino nos jornais *A Bola* e *Record*, refletindo um aumento perceptível na importância e reconhecimento do futebol feminino em Portugal;**
- **Os jornais *A Bola* e *Record* destacam eventos importantes do futebol feminino, mas ainda reproduzem desigualdades na cobertura, evidenciando um processo de inclusão incompleto e desigual.**

A primeira hipótese não foi plenamente confirmada, apesar de existirem momentos pontuais de destaque, como é o caso de jogos a contar para a Liga dos Campeões e jogos do Campeonato Nacional ou da seleção nacional, os dados não revelam um crescimento sustentado da cobertura. A presença do futebol feminino, neste período de análise, e nos jornais analisados, foi caracterizada pelo seu carácter residual, sem uma tendência clara de aumento na cobertura.

Em relação à segunda hipótese, esta foi mesmo confirmada. Foi possível compreender que mesmo em conquistas significativas – como o tetracampeonato nacional feminino conquistado pelo SL Benfica -, a cobertura foi substancialmente inferior à dedicada ao futebol masculino, nomeadamente à vitória do campeonato masculino por parte do Sporting CP. Ademais, as desigualdades verificam-se em todos os indicadores analisados: a frequência, a posição, o tamanho da notícia, o tipo de menção e a visibilidade gráfica. Esta assimetria evidencia a persistência de um tratamento diferente na cobertura do futebol feminino nos jornais desportivos em análise, sendo possível analisar uma desigualdade de reconhecimento. Ou seja, os jornais analisados demonstram uma tendência para realçar o futebol feminino em momentos excecionais, e mesmo nesses casos, este é tratado como um tema de notícia inferior, reforçando assimetrias de género nos enquadramentos mediáticos.

Estes dados refletem o que Silva, Botelho-Gomes e Queirós (2017) denominam de presença simbólica sem centralidade discursiva, reforçando a persistência de um olhar masculino hegemónico na produção mediática desportiva. A visibilidade mediática, é fundamental para o crescimento do interesse público e para o reconhecimento institucional da modalidade. A sua ausência ou minimização compromete a construção de modelos alternativos no desporto e a legitimação simbólica do futebol feminino enquanto espetáculo desportivo de pleno direito.

Apesar de ter sido possível responder à questão de partida, aos objetivos e hipóteses de pesquisa, também se identificaram algumas limitações na investigação. Entre as principais limitações deste estudo destaca-se o facto de a análise se restringir às capas dos jornais impressos, o que exclui os conteúdos das páginas internas, bem como a cobertura em plataformas digitais, redes sociais online ou outras formas de comunicação social, como a televisão, onde pode haver mais diversidade de conteúdos e uma abordagem mais dinâmica e responsiva às exigências contemporâneas do público. Além disso, a amostra temporal, ainda que alargada, cobre apenas uma época desportiva, o que limita a capacidade de aferir tendências de longo prazo. Ademais, a investigação focou-se exclusivamente em dois jornais desportivos, que apesar da sua relevância no panorama nacional, podem não refletir a totalidade da realidade da cobertura jornalística sobre esta temática.

Para investigações futuras, sugere-se uma ampliação do corpus de análise, integrando e comparando redes sociais online ou plataformas digitais dos jornais desportivos, como é o caso dos seus sites. De igual modo, seria relevante fazer uma análise temporal mais alargada, de modo a compreender e identificar tendências de evolução (ou estagnação) na cobertura do futebol feminino, com a comparação entre épocas desportivas. A realização de entrevistas ou inquéritos a jornalistas, editores ou leitores, para explorar dinâmicas editoriais e perceções do público, seria também uma vertente de interesse. Finalmente, seria interessante comparar a realidade portuguesa com contextos internacionais, nomeadamente países onde a cobertura do futebol feminino é mais expressiva, de forma a identificar boas práticas e possíveis modelos a adotar.

Em síntese, este trabalho contribui para o debate sobre a equidade de género no desporto e no jornalismo, apontando a necessidade de revisão das práticas editoriais e de promoção ativa da diversidade e inclusão na agenda mediática. Embora o futebol feminino em Portugal esteja em clara ascensão – em número de praticantes, em profissionalismo e em mobilização do público – a imprensa desportiva tradicional ainda não acompanha esse crescimento de forma estrutural. Para que o futebol feminino alcance uma representação igualitária, é essencial que os *media* assumam um papel mais ativo na sua legitimação, reconhecendo-o não apenas como fenómeno desportivo, mas também como uma expressão autónoma de talento, dedicação e espetáculo competitivo. Esta dissertação reforça, assim, a necessidade de uma mudança estrutural na forma como o futebol feminino é representado nos meios de comunicação. Uma transformação que não se faz apenas com mais presença, mas sim com uma presença melhor, caracterizada por mais destaque, profundidade e rigor.

*Por fim, é importante referir que dar voz e visibilidade ao futebol feminino é mais do que contar histórias – é mudar representações, dar referências, inspirar gerações e construir um futuro mais justo no desporto.*

## Referências Bibliográficas

- Alegrias, L. (2017). O futebol na construção das representações identitárias nos museus. *Cadernos De Sociomuseologia*, 54(10), pp 135-162. <https://doi.org/10.36572/csm.2017.vol.54.06>
- Balardin, G. F., Mazo, J. Z., Junior, M. A., & Voser, R. D. (2018). O futebol feminino no Brasil e nos Estados Unidos: Semelhanças e diferenças no esporte. *RBFF - Revista Brasileira De Futsal E Futebol*, 10(36), pp. 101-109. <https://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/549>
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Brannen, J. (1992). *Mixing methods: qualitative and quantitative research*. England: Ashgate Publishing Limited.
- Bell, T. R., & Coche, R. (2020). “Victory on their own terms”: American Front-Page Framing of the USWNT Repeat World Cup Championship. *Journalism Practice*, 16(6), 1134-1149. <https://doi.org/10.1080/17512786.2020.1827451>
- Benites, L. C., Barbieri, F. A., & Neto, S. S. (2007). *O futebol: questões e reflexões a respeito dessa “profissão”*. *Pensar a Prática*, 10(1), pp. 51-67. <https://doi.org/10.5216/rpp.v10i1.188>
- Borelli, V. (2001). *Cobertura midiática de acontecimentos esportivos: Uma breve revisão de estudos*. In XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação. Campo Grande: INTERCOM. <https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/69091043172603617173111127019307506949.pdf>
- Butler, J. (1990). *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. Routledge.
- Cardoso, G. (2023). *A Comunicação da Comunicação. As Pessoas são a Mensagem*. Editora Mundos Sociais.
- Cardoso, G., Espanha, R., & Araújo, V. (2009). *Da Comunicação de Massa à Comunicação em Rede*. Porto Editora.
- Cardoso, G., & Castells, M. (2006). *A Sociedade em Rede. Do Conhecimento à Acção Política*. Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Cardoso, S. (2007). *O dualismo cultural: Os luso-caboverdianos entre a escola, a família e a comunidade (Estudo de caso)*. [Tese de doutoramento em Educação, Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho]. Repositório da Universidade do Minho. <https://hdl.handle.net/1822/7717>
- Coates, J. (2004). *Women, men and language: A sociolinguistic account of gender differences in language* (3.<sup>a</sup> ed.). Pearson Education.
- Coelho, J. N. (2001). *Portugal – a equipa de todos nós: Nacionalismo, futebol e media. A reprodução da nação nos jornais desportivos*. Edições Afrontamento.

- Coelho, J. N. (2004). *Futebol: Desporto e Emoção*. *Revista Con(m)textos de Sociologia, Noites de Sociologia*, (3), pp.21-24. [https://associacaoportuguesasociologia.pt/cms/docs\\_prv/docs/DPR4628f7ea382e8\\_1.pdf#page=22](https://associacaoportuguesasociologia.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4628f7ea382e8_1.pdf#page=22)
- Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. (2023, 25 de outubro). *Portugal está no 15.º lugar do ranking do Gender Equality Index 2023 do EIGE*. <https://www.cig.gov.pt/2023/10/portugal-esta-no-15-o-lugar-do-ranking-do-gender-equality-index-2023-do-eige/>
- Creswell, J.W. & Creswell, J.D. (2018). *Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approache (5ªed.)*. Sage.
- Eastman, S. T., & Billings, A. C. (2001). Biased voices of sports: Racial and gender stereotyping in college basketball announcing. *Howard Journal of Communications*, 12(4), pp. 183-201. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1080/106461701753287714>
- Elias, N., & Dunning, E. (1992). *A busca da excitação: Desporto e lazer no processo civilizacional* (M. M. Almeida e Silva, Trad.). Difel.
- Entman, R. M. (1993). "Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm." *Journal of Communication*, 43(4), 51–58. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x>
- Federação Portuguesa de Futebol. (2024, 1 de julho). *Novo recorde de praticantes*. <https://www.fpf.pt/pt/News/Todas-as-not%C3%ADcias/Not%C3%ADcia/news/45527>
- Ferreira, F. (2004). Síntese da História do Desporto. *Povos e Culturas*, 9, pp. 151-172. <https://doi.org/10.34632/povoseculturas.2004.8825>
- FIFA Museum. (2020, 5 de agosto). *New edition of official Women's World Cup history book released*. FIFA Museum. <https://www.fifamuseum.com/en/explore/fifamuseumplus/blog/New-edition-released>
- Flick, Uwe (2014), *An introduction to qualitative research (5ªed.)*. Sage.
- Freixo, M. J. V. (2018). *Metodologia Científica: Fundamentos, métodos e técnicas (5ª ed.)*. Edições Piaget.
- Gouveia, C., Fátima, B., Miranda, S. & Antunes, A. C. (2021). “Levar a menina”: o engagement dos fãs no futebol feminino. In Juan C. Figuereo-Benítez Rosalba Mancinas- Chávez (Ed.). *Las redes de la comunicación: estudios multidisciplinares actuales* (pp. 860-879): Dykinson S.L. <http://hdl.handle.net/10071/26243>
- Gouveia, C. (2018). Media e futebol: uma relação simbiótica. *CIES e-Working Papers 219/2018*. <http://hdl.handle.net/10071/16176>
- Guest, G., Namey, E. E., & Mitchell, M. L. (2013). *Collecting qualitative data: A field manual for applied research*. Sage.
- Krippendorff, K. (1980). *Content analysis an introduction to its Methodology*. Sage.
- LaVoi, N. M., & Calhoun, A. S. (2014). Digital media and women's sport: An old view on 'new' media? In A. C. Billings, & M. Hardin (Eds.), *Routledge handbook of sport and new media* (pp. 320–330). Routledge.

- Meyer, D., & Avery, L. (2009). Excel as a qualitative data analysis tool. *Field Methods*, 21(1), 91–112. <https://doi.org/10.1177/1525822X08323985>
- Marivoet, Salomé (2002). *Aspectos Sociológicos do Desporto*. Livros Horizonte.
- Matos, M. I. S. (1997). Outras histórias: As mulheres e estudos dos gêneros — percursos e possibilidades. In E. M. Samara, R. Soihet & M. I. S. Matos (Orgs.), *Gênero em debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea* (pp. 83–114). EDUC. <https://www.pucsp.br/educ/livro?id=97>
- McCombs, M. E., & Shaw, D. L. (1993). The evolution of agenda-setting research: Twenty-five years in the marketplace of ideas. *Journal of Communication*, 43(2), 58–67. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01262.x>
- Miller, T., Lawrence, G., Mckay, J., & Rowe, D. (2001). *Globalization and Sport: Playing the World*. Sage.
- Nolasco, C. (2004). Futebol: Desporto e emoção. *Con(m)Textos de Sociologia*, 3, pp. 16-20. <https://hdl.handle.net/10316/42367>
- Parry, K. D., Clarkson, B. G., Bowes, A., Grubb, L., & Rowe, D. (2023). Media Framing of Women’s Football During the COVID-19 Pandemic. *Communication & Sport*, 11(3), 592-615. <https://doi.org/10.1177/21674795211041024>
- Patton, M. (1990). *Qualitative Evaluation and Research Methods* (2ªed.). Sage.
- Pfister G. (2015). Assessing the sociology of sport: On women and football. *International Review for the Sociology of Sport*, 50(4–5), 563–569. <https://doi.org/10.1177/1012690214566646>
- Pfister, G., & Radtke, S. (2009). Sport, women, and leadership: Results of a project on executives in German sports organizations. *European Journal of Sport Science*, 9 (4), 229-243. <https://doi:10.1080/17461390902818286>
- Pinheiro, F. (2011). *História da Imprensa Desportiva em Portugal*. Edições Afrontamento.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais* (J. M. Marques, M. A. Mendes, M. Carvalho, Trad.). Gradiva.
- Scott, J. (1995). Gênero: Uma categoria útil de análise histórica (G. L. Louro, Trad.). *Educação & Realidade*, 20(2), pp. 71-99. <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>
- Silva, M. J. M. (2020). Jornalismo Desportivo: A Hierarquia das Modalidades – Análise dos jornais O Jogo, A Bola e Record. *PRISMA.COM*, 42, p. 58–73. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/prisma.com/article/view/8505>
- Silva, P., Botelho Gomes, P., & Queirós, P. (2017). As actividades físicas e desportivas têm sexo? O género no desporto. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*, pp. 53-63. <https://boletim.spef.pt/index.php/spef/article/view/122>
- Silverstone, R. (2002). *Por que estudar a Midia?*, Edições Loyola.
- Sousa, M. J. & Baptista, C. S. (2011). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios segundo Bolonha*. Lidel.



## Anexos

### Anexo 1 - Capa do Jornal *A Bola* – Menção Breve



Fonte: *A Bola* | 14 de dezembro de 2023

### Anexo 2 - Capa do Jornal *Record* – Menção Breve



### Anexo 3 - Capa do Jornal *A Bola* – Menção Secundária



Fonte: *A Bola* | 01 de fevereiro de 2024

### Anexo 4 - Capa do Jornal *Record* – Menção Secundária



Fonte: *Record* | 22 de dezembro de 2023

## Anexo 5 - Capa do Jornal *A Bola* – Menção Principal



Fonte: *A Bola* | 14 de setembro de 2023

## Anexo 6 - Capa do Jornal *Record* – Menção Principal



Fonte: *Record* | 28 de novembro de 2023

## Anexo 7 - Capa do Jornal *A Bola* – Notícia Pequena



Fonte: *A Bola* | 26 de setembro de 2023

## Anexo 8 - Capa do Jornal *Record* – Notícia Pequena



Fonte: *Record* | 23 de novembro de 2023

## Anexo 9 - Capa do Jornal *A Bola* – Notícia Média



Fonte: *A Bola* | 20 de março de 2024

## Anexo 10 - Capa do Jornal *Record* – Notícia Média



Fonte: *Record* | 27 de setembro de 2023

## Anexo 11 - Capa do Jornal *A Bola*– Notícia Grande



Fonte: *A Bola* | 27 de setembro de 2023

## Anexo 12 - Capa do Jornal *Record*– Notícia Grande



Fonte: *Record* | 28 de novembro de 2023

### Anexo 13 - Capa do Jornal *A Bola* – Tonalidade da Notícia



Fonte: *A Bola* | 28 de outubro de 2023

### Anexo 14 - Capa do jornal *Record* – Tonalidade da Notícia



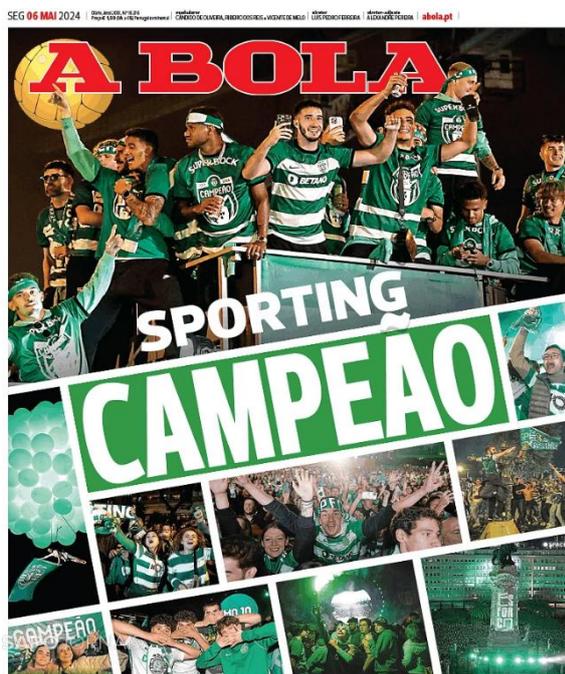
Fonte: *Record* | 28 de março de 2024

## Anexo 15 - Capa do jornal *Record* – Sporting CP Campeão



Fonte: *Record* | 06 de maio de 2024

## Anexo 16 - Capa do jornal *A Bola* – Sporting CP Campeão



Fonte: *A Bola* | 06 de maio de 2024

Anexo 17 - Capa do jornal *Record* – SL Benfica Campeão de Futebol Feminino



Fonte: *Record* | 12 de maio de 2024

Anexo 18 - Capa do jornal *A Bola* – SL Benfica Campeão de Futebol Feminino



Fonte: *A Bola* | 12 de maio de 2024